CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

15 OUTUBRO 2012

www.candido.bpp.pr.gov.br

Weberson Santiago

Helena pop

Publicações, exposições e eventos celebram a poesia de Helena Kolody, que comemoraria 100 anos em 2012

• Apocalipse | Edson Bueno • A outra visita | Alexei Bueno • A teoria do aiceberg | Roberto Muggiati •

EDITORIAL

Desde sua primeira edição, quando relembrou a trajetória do poeta Paulo Leminski, o **Cândido** tem dedicado grande parte de suas páginas ao resgate e à difusão da literatura paranaense. Portanto, em outubro não poderíamos deixar de homenagear Helena Kolody, que neste mês completaria 100 anos.

Oito anos após sua morte, Helena e sua obra seguem repercutindo no imaginário de leitores de várias gerações. De sua Cruz Machado natal, Helena passou a infância em Rio Negro e se fixou na capital paranaense. Foi professora — lecionou durante mais de 20 anos no Instituto de Educação do Paraná —, estabeleceu diálogo com inúmeros interlocutores — de Andrade Muricy a Wilson Bueno — e foi eleita para a Academia Paranaense de Letras. Esta edição do **Cândido** refaz o percurso da autora, com reportagens, depoimentos, poemas, ilustrações, fotos e um importante resgate da participação de Helena no projeto "Um escritor na Biblioteca", realizado na Biblioteca Pública do Paraná em 1986. Um documento histórico que contou com a preciosa colaboração da poeta Adélia Woellner e dos familiares de Helena.

Esta edição ainda traz uma grande entrevista com Zuenir Ventura, um dos maiores jornalistas do país, que acaba de lançar o romance *Sagrada família*, um relato memorialístico em que os anos 1940 servem como pano de fundo para ficção.

Entre os inéditos, o experiente diretor e dramaturgo curitibano Edson Bueno aparece com o instigante conto "Apocalipse", na seção "Em busca de Curitiba". Roberto Muggiati, outro curitibano, surge com "A teoria do aiceberg", conto que mistura os ensinamentos literários de Ernest Hemingway a uma história de amor trágica. Na poesia, Alexei Bueno faz uma bonita homenagem a Carlos Drummond de Andrade no poema "A outra visita".

As páginas da 15ª edição do **Cândido** ainda revelam as leituras de Gerald Thomas, na seção "Perfil do Leitor", e a saga do romance *O apanhador no campo de centeio*, na seção "Making of".

Boa leitura.

CARTUM

TIAGO WENDHAUSEN DA ROSA

CARTAS

Quero parabenizar a todos os funcionários da Biblioteca Pública do Paraná, do diretor aos estagiários. Todos estão de parabéns pelo excelente trabalho que estão fazendo aí. Eu pergunto, quantas bibliotecas públicas neste país têm um jornal com o nível deste que vocês estão produzindo? E o que é mais importante, com muita paixão pela literatura. Recebi os dois últimos exemplares e parabenizo a todos por esse extraordinário trabalho. Vou fazer questão de divulgar aqui em Brasília e principalmente na UnB.

Flávio Gomes/ Brasília – DF.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca **Pública do Paraná**

Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:
Camila Feiler, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Lucas Rufino, Márcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Fotografia:
Kraw Penas

Projeto gráfico e diagramação:
Versão Design

Colaboradores desta edição:
Alexei Bueno, Edson Bueno, Felipe Rodrigues, Gabriel Rischbieter, Kraw Penas, Marco Jacobsen, Marta Morais da Costa, Orlandeli, Rafael Sica, Ricardo Pozzo, Rita Solieri, Roberto Muggiati, Tiago Wendhausen da Rosa e Weberson Santiago

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974
www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901|
Curitiba – PR | Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h
Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

BIBLIOTECA AFETIVA

Divulgação

O primeiro livro que marcou minha vida foi *A trágica vida de Van Gogh*, escrito por Irving Stone – o cineasta. Ganhei este livro do publicitário Rui Werneck de Capistrano no início dos anos 1980, época em que descobria o mundo das artes plásticas. O livro parece um filme em preto e branco de Van Gogh e mostra o artista no limite da loucura. O segundo livro marcante foi *Gold Gotha*, do argentino José Luiz de Villalonga, escrito nos anos 1970. Trata-se de uma série de reportagens que o escritor fez quando viveu na França. Brigitte Bardot, Fellini, Dominique Sanda e Aristóteles Onassis são retratados na intimidade de suas vidas. A preocupação do escritor-jornalista foi mostrar o dia a dia comum dessas celebridades nas situações mais inusitadas.

Neri da Rosa é publicitário, artista plástico e apresentador do programa de rádio *Último Volume*, na Lumen FM. Vive em Curitiba (PR).

Divulgação

Cazuza, de Viriato Correia, foi o livro que me deu o primeiro toque de que um mundo espetacular podia chegar através das palavras e das páginas. Uma história infantojuvenil, autobiográfica, narrando as vivências do autor maranhense. Foi um presente da minha mãe e, se bem me lembro, o único. Parece pouco? Pois bastou para me contaminar. Mais tarde, ainda jovem, fiquei noites sem dormir na leitura d'*Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski. E nunca mais fui o mesmo.

Toninho Vaz é autor das biografias de Paulo Leminski e Torquato Neto. Escreveu também *Solar da Fossa*, a história da legendária pensão carioca. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Divulgação

Sem dúvida, a *Antologia poética* de Drummond faz parte da minha biblioteca afetiva. Adoro o agrupamento dos poemas. Quando li pela primeira vez, nem me interessava saber de quais livros tinham vindo. Gostava muito, ainda gosto, dos títulos dados pelo poeta: "Um eu todo retorcido", "A família que me dei", "Amar-amaro", "Uma, duas argolinhas". É um livro que me acompanha desde a adolescência. Drummond me consolava: "Eta vida besta, meu Deus", ou: "Pronto, o amor se estrepou". Com o tempo fui aprendendo alguns poemas de cor, refinando minha capacidade de usufrui-los através de releituras e da leitura de outros livros de poesia.

Ana Helena Souza é autora de *A tradução como um outro original* e tradutora. De Samuel Beckett, traduziu *Molloy*, *O inominável*, *Como é* e *Companhia e outros textos*. Vive em São Paulo (SP).

Noerli Cordeiro

A leitura sempre fez parte da minha vida. Já li vários livros nesse período em que estou trabalhando na BPP. O livro que mais me chamou a atenção foi *O estudante*, de Adelaide Carraro. O livro relata a convivência entre pais e filhos, o que fazer e como fazer quando seu filho envereda por caminhos obscuros na vida. Sou mãe de uma adolescente e me preocupo muito com ela. Às vezes até demais, isso a incomoda muito, já que está descobrindo a vida.

Evanir Proença é segurança da BPP. Vive em Curitiba (PR).

CURTAS DA BPP

João Gilberto Noll é o convidado de outubro do projeto "Um Escritor na Biblioteca"

Divulgação

O escritor gaúcho João Gilberto Noll é o convidado deste mês do projeto "Um Escritor na Biblioteca", no dia 16 de outubro, a partir das 19h, no Auditório Paul Garfunkel da Biblioteca Pública do Paraná. Noll publicou 13 livros, entre eles *O cego e a dançarina*, *A fúria do corpo*, *Bandoleiros* e *Lorde*. Um dos mais premiados autores brasileiros, já recebeu o Prêmio Jabuti em 5 ocasiões. Um de seus principais livros, *Harmada*, está na lista dos 100 livros brasileiros essenciais em qualquer gênero e em todas as épocas da *Revista Bravo!*. Seu mais recente romance é *Solidão continental*.

Oficina de Ilustração com o cartunista Benett

De 23 a 25 de outubro, o cartunista Benett ministra oficina de "Tiras" na Biblioteca Pública do Paraná. Esta é a quarta Oficina de Ilustração da BPP realizada neste ano. Já passaram pela Biblioteca os artistas André Dahmer (Cartum), Allan Sieber (Roteiro para Quadrinhos) e Rafael Campos Rocha (Ilustração Editorial). As inscrições podem ser feitas através do e-mail oficina@bpp.pr.gov.br. Os interessados devem enviar uma tira, sobre qualquer tema, em 72 dpi. A oficina acontece das 14h às 18h. Bennett é cartunista e publica suas tiras, ilustrações e charges no jornal *Gazeta do Povo*. Em 2005, foi vencedor do Salão de Humor de Piracicaba, na categoria Quadrinhos, e no final de 2007 publicou seu primeiro livro de tiras, *Benett apavora! Tiras infames e desenhos encardidos para toda família disfuncional*.

Hora do conto terá sessões especiais no mês das bruxas

Em outubro, a Seção Infantil da BPP promove sessões especiais do projeto "Hora do Conto". Em homenagem ao mês da bruxas, o grupo de histórias da BPP "Era uma vêz" vai encenar "Histórias de Terror". Um dos destaques é "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling. O evento acontece de segunda a sexta-feira, às 11h e às 15h; aos sábado, às 11h. A entrada é gratuita.

Uma Noite na Biblioteca 3

A Biblioteca Pública do Paraná vai participar da Virada Cultural de Curitiba com uma programação voltada ao público infantil. Entre 10 e 11 de novembro, crianças de 7 a 13 anos passam "Uma Noite na Biblioteca". Este é o terceiro ano do acantonamento, que tem ocorrido sempre na madrugada da Virada Cultural. Durante o evento, acontece o bibliotour, onde cada seção da BPP realiza uma atividade diferente. O início será na Seção Infantil, com a contação da história "O pastor e o lobo", seguido de uma apresentação de "Capoeira" na Seção de Belas Artes. O evento começa às 17h30 do dia 10. Pela manhã do dia 11, as crianças e seus pais tomam café da manhã no hall de entrada da Biblioteca. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas pessoalmente, a partir de 8 de outubro, na Seção Infantil da BPP. Há 50 vagas. Mais informações pelo telefone (41) 3221 4980.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Kraw Penas

Rubens Figueiredo

Na quinto encontro de 2012 do projeto "Um escritor na Biblioteca", o autor do premiado romance Passageiro do fim do dia conta de que maneira construiu a sua obra literária, que tem pontos de contato com os autores russos do século XIX que ele vem traduzindo diretamente para o idioma português

A vida, o acaso, fez com que Rubens Figueiredo escolhesse — ou fosse escolhido — cursar Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Optou por russo e essa escolha diz respeito a uma visão de mundo contestatória. Ainda nos anos 1970, recusou uma nomeação para ser professor universitário durante a ditadura militar. Acabou se tornando professor em um colégio estadual e, para chegar ao trabalho, viajou durante anos de ônibus — o que serviria de substrato para o romance *Passageiro do fim do dia* (2010), vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura 2011 na categoria Melhor Livro do Ano, e do Prêmio Portugal Telecom no mesmo ano. No bate-papo, mediado pelo escritor e jornalista Luís Henrique Pellanda, Figueiredo conta de que maneira se inseriu no meio editorial, a partir da publicação dos primeiros romances, e também como se tornou tradutor, hoje um dos mais elogiados e respeitados do Brasil. Levam a assinatura de Rubens Figueiredo alguns clássicos da ficção russa, como o monumental *Guerra e paz*, de Tolstói. Também verteu para o português obras de outros idiomas como, por exemplo, *Casei com um comunista*, do norte-americano Philip Roth. Mas, para ele, a grande força está mesmo na produção literária da Rússia do século XIX. Mais que isso. Ele defende uma arte fundamentada. "Acredito que um romance, um conto ou um poema têm muito a ganhar se o autor partir do pressuposto de que a obra pode contribuir para o conhecimento do mundo, da vida. Isso significa que aquilo, romance, conto ou poema, não é uma coisa ornamental nem apenas uma manifestação hermética de uma subjetividade impenetrável", afirma o autor, que também transitou pelo conto, com destaque para o livro *Contos de Pedro*. A seguir, alguns dos melhores momentos do encontro.

Primeiras bibliotecas

Na minha casa havia alguns livros, mas não se pode chamar de biblioteca. Meu pai e minha mãe eram pessoas de formação muito simples, mas, acima de tudo, pessoas muito inteligentes, que tinham essa ideia de oferecer uma opção cultural aos filhos. Sempre morei em Copacabana, no Rio de Janeiro, e quando era adolescente frequentava duas bibliotecas. Uma era a biblioteca pública municipal de Copacabana e, no prédio ao lado, tinha a biblioteca particular do Instituto Brasil-Estados Unidos, patrocinada pelo departamento de governo norte-americano. Frequentei essas bibliotecas, dos 11 aos 30 anos, e era bom porque eu podia circular pelas estantes sem nenhum embaraço, sentava nos banquinhos, folheava os livros e ficava bastante tempo lá. Toda semana eu saía de casa para ir a essas bibliotecas, era um programa. O interessante é que havia livro de qualquer assunto, alguns até distantes daquilo que viria a ser minha área de atuação. Tenho uma lembrança muito clara de livros que eu pegava nessas bibliotecas: *Os miseráveis*, do Victor Hugo, que li no ônibus, foi um deles. Dizem que tudo deve ser orientado, ter uma direção, mas eu penso no meu caso: tudo foi tão acidentado, e até que me saí mais ou menos.

Outras leituras

Quando eu tinha 17 anos, passei a circular pelo centro do Rio e comecei a frequentar a Fundação Biblioteca Nacional. Ali, não é possível circular entre as estantes. Você entra, solicita um livro e tem de esperar, às vezes, muito tempo. Era decepcionante esperar por uma obra que não empolgava. No centro tem outro espaço, o Gabinete Real Português de Leitura, uma beleza, é inclusive uma visita que recomendo, mesmo que não seja para emprestar livro.

Ao acaso

Em minha vida tudo sempre foi tão acidentado, saltado, incoerente, que seria até falso de minha parte dizer que tive algum autor favorito. Eu chutava para todos os lados. O fato é que eu tinha uma curiosidade imensa. Lia de tudo, mas nunca tive a obrigação de ler um livro inteiro. Se não gosto, não vou até o fim. Tenho amigos escritores que têm essa obrigação, de ir até o fim. Eu não.

Letras, aleatoriamente

Quando fui fazer a inscrição no vestibular, me dei conta de que não sabia o que queria estudar. Tinha 17, 18 anos e, nessa idade, a gente tem muita dúvida. Comecei a olhar aquelas listas, e vi o curso de Letras. Eu lia literatura e, quando me deparava com algumas obras, pensava: "Eu também poderia escrever". Mas também achava que podia ser músico, sociólogo, economista, matemático. Na última hora, decidi fazer Letras. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro tem uma variedade de opção de idiomas. Pensei em escolher francês, tinha uns livros lá em casa, mas aí pensei que eu não iria passar na prova. Logo em seguida, me dei conta de que havia opções como hebraico, árabe e russo.

Viés contestador

Eu conhecia autores russos, gostava bastante, mas havia o seguinte: era 1973, o auge da ditadura militar. A Rússia representava a contestação, na época ainda existia a União Soviética. Não que eu fosse bem informado sobre o assunto, mas tinha alguma noção das coisas. Evidentemente que o idioma russo me atraiu pelo viés da contestação, mas a minha escolha foi totalmente incoerente. As coisas são assim, não são? Fiz a faculdade de russo e fui muito feliz.

Nomeação, não!

Terminei a faculdade em uma

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

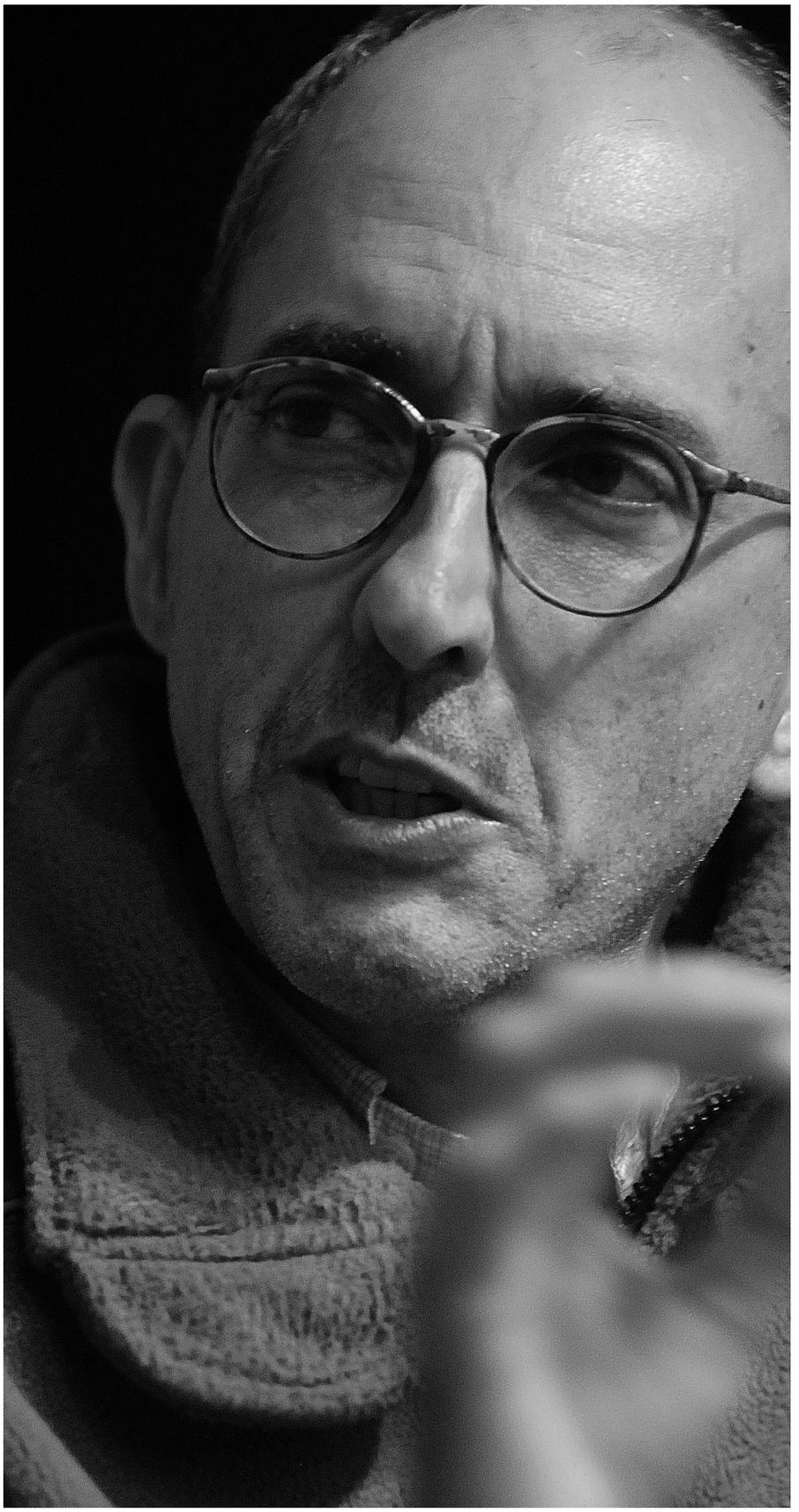
época na qual era difícil arranjar emprego. Se você analisar a taxa de desemprego do início da década de 1980, vai perceber que, naquele contexto, o jovem estava praticamente fadado ao desemprego. Mas, enfim, quando terminei a faculdade, um professor me convidou para dar aula de russo. Não havia concursos, era o período da ditadura, e os professores eram nomeados por indicação. Eu odiava o sujeito que me convidou para lecionar e, então, recusei a proposta. Minha vida poderia ter sido totalmente outra se eu dissesse apenas sim. Mas não quis, não sei se por orgulho juvenil ou uma eventual sensatez. Então, comecei a procurar uma oportunidade para dar aula em colégio, o que iria acontecer somente uns cinco anos depois.

Ser professor

Eu precisava trabalhar, mas não sabia que iria me tornar professor. Foi um acidente, fui estudando, vendo os colegas darem aulas. Na década de 1980, abriu um concurso público, fiz as provas, fui aprovado e comecei a dar aula. Em seguida, fiz outro concurso, para o Colégio Militar do Rio de Janeiro, que é uma instituição federal. Tive a sorte de ser aprovado porque lá encontrei os melhores professores de português que já vi.

Um mestre chamado Jesus

Eu chegava no Colégio Militar do Rio de Janeiro por volta das seis horas, lá tinha um rancho onde serviam café da manhã. Tinha um professor chamado Jesus. Ele era totalmente desleixado, vestia um jaleco sempre sujo de cigarro, dentes estragados, mas era um sujeito brilhante. O professor Jesus tinha uma capacidade incrível na área de português, incluindo conhecimentos medievais, da Idade Média e Renascimento. Lembro dele, que morreu precocemente, e de outros professores brilhantes. Fiquei durante sete anos nesse colégio, mas chegou um momento em que tive de sair,



devido a uma série de problemas, inclusive por causa da voz. Saí do Colégio Militar, mas segui no colégio do Estado, que não exigia muito da minha voz, inclusive pelo fato de ter menos alunos. E, durante o dia, planejei completar a minha renda com traduções.

Do dia para noite, tradutor

Em 1990, eu já havia publicado três livros por duas editoras, conhecia algumas pessoas no meio editorial e percebi que, naquele contexto, as editoras estavam precisando de tradutores, porque as editoras estavam começando a publicar uma quantidade maior de obras estrangeiras. Então, pensei: "Eles sabem que eu escrevo mais ou menos, confiam em mim, não estão encontrando gente, bom, vou ver se pego esse trabalho." Dei esse chute, e deu certo. Daquele dia, até hoje, não fiquei um dia sem trabalho de tradução.

Estreia literária

Escrevi o meu primeiro livro, *O mistério da samambaia bailarina* (1986), mas gostaria que ele se chamasse *O espírito de porco*. Ainda penso em reescrever esse livro e, então, publicá-lo com o título que eu gosto. Escrevi esse romance quando tinha uns 23, 24 anos, em 1979, mas ele só foi publicado em 1986. Eu sentia um impulso para escrever algo, e quem é escritor sente isso. É uma pressão interna. Mas eu tinha noção de que era imaturo e despreparado. Me dei conta de que não poderia escrever algo ambicioso, profundo, de grande alcance. Raciocinei: o que eu poderia escrever partindo de minha escassa experiência de vida, pouca cultura e maturidade? Talvez, um livro de humor, divertido, um pastiche policial, que tratasse do Brasil contemporâneo daquele tempo. Acontece que, desde sempre, sou leitor de poesia. Então, acabei misturando um pouco de tudo e o livro ficou meio esquisito, mas original. Trabalhei durante

dois anos nesse livro. Eu chegava do trabalho, à noite, e escrevia. Assim surgiu *O mistério da samambaia bailarina*.

Cada vez menos cômico

Em nove anos escrevi três romances, *O mistério da samambaia bailarina* (1986), *Essa maldita farinha* (1987) e *A festa do milênio* (1990), todos com uma matriz comum. Analisando retrospectivamente, me parece que cada um desses livros é, cronologicamente, menos cômico que o anterior. Depois desses nove anos, fiquei procurando outra forma de escrever. Então, me dei conta de que nunca tinha escrito conto. Estava com dificuldade para pensar em um novo romance, mas um dia tentei fazer um conto, e senti que estava me saindo bem nesse gênero.

Contista, reescritor

Comecei, então, a escrever contos e, durante um ano, fiz um livro, que se chama *O livro dos lobos* (1994). Quatorze anos depois, resolvi reescrever o livro, e todas as linhas foram refeitas. Todo o livro foi modificado, mas valeu a pena. Faria isso com todos os meus livros, se tivesse tempo. A gente escreve para tratar do mundo em que vive, para dizer algo a respeito desse mundo. Pelo menos é dessa maneira que eu concebo a literatura. Ocorre que o mundo é dinâmico, ele se transforma a toda hora. Logo, a maneira que formulamos os problemas e as possíveis respostas é questionada continuamente pelas mudanças. Sinto um impulso de reformular tudo.

Aprendizado com a tradução

Comecei a traduzir literatura russa por acidente, não foi nada premeditado. O primeiro autor que traduzi foi Tchekhov. Comecei esse trabalho sem ter uma visão crítica ou histórica consolidada do que eram esses autores e esses livros. À medida que ia traduzindo, tinha que pesquisar, e o assunto é fascinante. Aí me dei conta, a certa altura, que eu estava desenvolvendo uma visão muito pessoal daquilo que era o oposto da visão que predomina em nossa tradição crítica. Comecei a formar uma convicção fundamentada em dados de que aquilo estava sendo mal entendido. Parece pretensioso, ainda mais sendo o ponto de vista de um sujeito que não é pesquisador, mas tive contato com algumas informações. Tenho 56 anos, de modo que já tinha uma certa insegurança a respeito de como tudo é falível. Comecei, enfim, a formar uma convicção muito pessoal a respeito dessas obras, que é o seguinte: a literatura russa tem esse alcance, essa força, causa toda essa impressão, não porque os escritores fossem gênios ou tivessem um talento espetacular. Nem porque caiu um disco voador lá, nada disso. Acontece que a relação entre literatura e sociedade de lá, na Rússia, era completamente diferente do que se passava no resto da Europa, nos Estados Unidos ou até mesmo no Brasil no final do século XIX.

> “Em minha vida tudo sempre foi tão acidentado, saltado, incoerente, que seria até falso de minha parte dizer que tive algum autor favorito. Eu chutava para todos os lados.”

Um outro mundo

A Rússia era um país com um território muito vasto, uma população imensa. Por isso sempre fizeram pressão no século XIX para que a Rússia, como potência média, não viesse a crescer. Tinha um território imenso, mas era um país oriental, tinha tradições culturais próprias. Uma religião própria, um alfabeto próprio. Se a gente for desenvolver isso, vamos ver uma enorme distância entre a Rússia e o resto da Europa. Por outro lado, a tradição intelectual russa sempre se empenhou desde o século XVIII em aproximar a Rússia da Europa, sobretudo, em transformar o país em algo equiparável aos países desenvolvidos na época: Inglaterra, Alemanha e França. Mas isso não era possível, por razões internas e externas também. Agora, o que tem a literatura a ver com isso? Tem a ver porque o debate que aconteceu na Rússia sobre o futuro do país foi algo muito forte, muito rico, foi contínuo. E tomou vários aspectos: desde movimentos revolucionários, movimentos místicos até pesquisas científicas. E a literatura fez parte desse debate. Não se separava, tudo estava misturado. Um livro de um padre, um artigo de um agrônomo ou um livro do Tolstói, todos eram recebidos com o mesmo estatuto: o destino do país, do povo.

A sociedade nas obras russas

A força da literatura russa não

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

vem de recursos técnicos, debates estéticos, de nada disso. Vem da presença da dinâmica da sociedade nas obras. Um simples conto do Ivan Turguêniev, com um triângulo amoroso, tinha um simbolismo político, histórico, que estava sendo representado naquelas três figuras, com uma série de dimensões. Então, isso é que dá essa força à literatura russa. Quando fui chegando a essa convicção, a minha maneira de ver a literatura mudou. Porque percebi que a relação entre literatura e sociedade não precisa ser essa que conhecemos, pode ser totalmente diferente. O Tolstói uma vez observou o seguinte: nenhum livro russo importante se adaptava aos padrões da literatura europeia. E por que ele disse isso? Porque o que havia de importante ali era o que se desviava dos padrões. E essa noção é muito relevante. O modelo é desmontado, destruído, desmoralizado. E é isso que permite que essas obras alcancem outra dimensão: têm uma capacidade de absorver uma força da vida social.

> “Também não se pode pensar que a literatura é autossustentável e não precisa de mais nada, e que basta a si mesma.”

Bem mais que ornamento

Acredito que um romance, um conto ou um poema têm muito a ganhar se o autor partir do pressuposto de que a obra pode contribuir para o conhecimento do mundo, da vida. Isso significa que aquilo, romance, conto ou poema, não é uma coisa ornamental nem apenas uma manifestação hermética de uma subjetividade impenetrável. Também não se pode pensar que a literatura é autossustentável e não precisa de mais nada, e que basta a si mesma. Essas noções pesaram e pesam muito desde a década de 1950 na nossa visão crítica, e acho que essa estratégia está fracassada. Porque dizer que a literatura é autossustentável só serve para tornar nosso trabalho dispensável.

EUA

O Paul Auster e a Susan Sontag, que eu já traduzi, são tratados nos Estados Unidos como o que poderíamos chamar de opinião de esquerda. Mas, ao ler com atenção os livros deles, você não encontra críticas a respeito da distribuição desigual de poder no mundo. O postulado desses autores pode ser entendido como “os Estados Unidos dominam e é bom que seja assim”. Traduzi um livro da Susan Sontag chamado *América*. Detestei traduzir a obra, a começar pelo título. Sempre que encontro a palavra América, traduzo para Estados Unidos. Mas neste caso, eu não podia fazer isso, porque era o título do livro.

Detalhes tão pequenos

Se você pegar um livro argentino, italiano, espanhol ou brasileiro, terá que ler mais de dez livros até que apareça uma vez a palavra Argentina, Itália, Espanha ou Brasil. É raro eu traduzir um livro americano que não tenha a palavra América ou americano. Estou traduzindo um livro que, a cada dez páginas, o autor fala em povo americano, democracia americana, sociedade americana, os Estados Unidos. É impressionante. E nós lemos e não percebemos isso. Não percebemos porque o nosso pressuposto é que isso é normal. Mas isso não é normal. Essa é uma questão que eu apresento com a perfeita consciência de que não sou simpático. Estou apresentando uma formulação antipática. Vão até dizer: “Pô, o cara é fanático”. Mas estou tranquilo e digo que isso existe.

Sontag e Auster

Pegue um livro da Susan Sontag, do Paul Auster: onde está a história? Esses autores não são desinformados, não é uma questão de incapacidade, muito menos uma questão de caráter. São fatores objetivos que atuam sobre eles. Veja só, hoje em dia, um escritor inglês ou norte-americano começa a escrever um livro. Ele inicia um, dois parágrafos e avisa o agente literário. Logo, esse livro é vendido para vários países por dezenas de milhares de dólares. Os editores desse futuro livro não leram nada, e esse suposto livro ainda não existe. Mas o livro já está vendido. E, quando esse livro ficar pronto, haverá elogios em revistas norte-americanas e inglesas, cujo dono também é proprietário da empresa de comunicação que é responsável pela editora, pela livraria, pelo *site*. Tudo é uma empresa só. Aí, o escritor é beneficiário, como nunca se viu, de uma relação muito desigual de poder. Obviamente que esse jogo de forças afeta as obras na sua forma, no conteúdo. Sei que estou falando coisas pouco digeríveis, mas estou tranquilo.

Engajamento literário

A gente escreve para contribuir para o conhecimento. É isso que eu quero dizer. Mas conhecer o quê? Qualquer coisa. As coisas não existem isoladas. Você pode dizer: ah, eu quero contribuir para o conhecimento da subjetividade. Mas subjetividade não existe fechada em si mesmo, ela está submetida a fatores comuns. Aí, então, tem a discussão: mas se você parte dessa ideia que é uma questão de conhecimento, muda muito. Não estou falando que a literatura não é política. A literatura é política. O conteúdo de uma obra vai ser formado por fatores do seu tempo, fatores objetivos, concretos. Claro que se você tiver a consciência disso, alcança outros resultados: consegue conduzir aquilo de uma maneira mais consciente. Mas se você não tiver, vai falar com uma voz que não é a sua.

Falta de tempo

Tenho tarefas a cumprir para ganhar a vida. Então, se eu não traduzir 120 laudas no mês, vou ter problemas de orçamento. Tenho que dar aulas no colégio à noite, tenho minha casa, minha família. Não consigo acompanhar a produção literária brasileira contemporânea. Meu problema é falta de tempo. E esse problema não é só meu, é de todo mundo que trabalha e tem família. Mas as pessoas, por incrível que pareça, conseguem resistir à falta de tempo. Aliás, o meu romance mais recente, *O passageiro do fim do dia*, é ambientado num ônibus e faz uma menção a essa apropriação do tempo das pessoas. O tempo da vida, que é a própria vida, é tomado das pessoas diariamente no transporte. Durante 25 anos, peguei dois ônibus por dia para ir e voltar do colégio. O que mais me impressionou foi a dificuldade que tive para perceber o que se passava à minha frente. O assunto do romance é o seguinte: que mecanismos são esses que me impediam de ver o que estava acontecendo no ônibus?

O bate-papo com Rubens Figueiredo foi mediado pelo jornalista e escritor Luís Henrique Pellanda.

> “A força da literatura russa não vem de recursos técnicos, debates estéticos, de nada disso. Vem da presença da dinâmica da sociedade nas obras.”

Ponto de virada

Na verdade, não percebi que havia percebido o que estava acontecendo no ônibus. É uma questão tão verdadeira que não pode ser enunciada. Há coisas que a gente não enuncia. Elas existem sem que sejam formuladas em palavras. Aliás, muitas vezes nós dizemos o seguinte: um autor é contido, tem uma linguagem contida. Encara-se a afirmação como um elogio. Mas pense bem: o que há de bom nisso? O fato do sujeito medir as palavras que é bom? É uma técnica de linguagem? É uma escolha de palavras que torna aquilo bom? Não. Minha convicção, hoje, é a seguinte: o contido será bom dependendo do teor daquilo que é contido, daquilo que está contido, daquilo que não aparece. Alguém comentou comigo sobre *Ressurreição*, do Tolstói, que traduzi e fiz a apresentação comentando algo que não aparece em nenhuma edição estrangeira: a origem do livro. Ninguém conta. E por que esse silêncio? É uma história fantástica que recomendo vocês lerem. O motivo de Tolstói escrever o romance diz respeito a uma história real, que envolveu milhares de pessoas, não só no sentido de conteúdo, mas também porque ele conteve aquilo. É um material subjacente que não aparece no enunciado do livro, mas está presente como pressão. Bom, não sei quando percebi o que acontecia nos ônibus, nas viagens que eu fazia, na ida e na volta do trabalho, mas esse sentido, essa experiência, está presente no meu romance *O passageiro do fim do dia*. Essa atmosfera está presente de forma subjacente. Eu queria que a tensão da narração do meu livro tivesse como conteúdo essa experiência e pressão subjacentes. É tudo um rolo, não é? ■

PERFIL DO LEITOR | GERALD THOMAS

Fotos: Festival de Teatro/Emi Hoshi

Planeta Gerald Thomas

Prestes a lançar o primeiro romance, o diretor mais internacional do teatro brasileiro fala de seu percurso literário e revela quais escritores influenciaram sua obra

OMAR GODOY

"Eu sempre vivi através deles, com eles, por eles, mortos ou vivos. Eu habitava o 'Planeta Kafka', o 'Planeta Joyce'."

É assim que Gerald Thomas define sua relação com livros e autores. Filho de pai alemão e mãe britânica, o dramaturgo e diretor teatral carioca cresceu lendo em várias línguas, o que naturalmente ampliou o alcance de sua própria obra — marcada por um retrato da ansiedade e da alienação do homem contemporâneo.

Graças a esse caráter universal, seus espetáculos são apresentados mundo afora, o que o obriga a se dividir entre Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e, eventualmente, Brasil. Na entrevista que serviu de base para este perfil, realizada por Facebook e *e-mail*, o autor de clássicos do teatro de vanguarda como *Eletra com Creta* e *The flash and crash days* fala de seu percurso literário e revela quais são os escritores que ajudaram a construir o "Planeta Gerald".

"Minha casa era normal, não tinha uma biblioteca grandiosa. Mas como era casa de europeu, tínhamos [Heinrich] Heine, [Friedrich] Schiller e [Johann] Goethe nas prateleiras", conta o diretor, que se iniciou na literatura com obras dos Irmãos Grimm e *Max und Moritz* (clássico infantil do alemão Wilhelm Busch, transformado por Olavo Bilac em *Juca e Chico*). Mas a paixão pelos livros surgiu para valer com *A metaformose*, de Franz Kafka. "Tudo dele me emociona, até os contos curtos", diz Thomas, que anos mais tarde montaria a peça *Trilogia Kafka*.

Enquanto seus colegas de escola só pensavam em jogar futebol, o fu-

turo dramaturgo mergulhava nos clássicos universais. "Não consigo citar um livro, como também não consigo citar um momento ou uma música. Gosto de tudo de [James] Joyce, [Emile] Zola, [Jorge Luis] Borges, [George] Orwell, [Aldous] Huxley, [William] Shakespeare, Dante [Alighieri]." Este último, ele admite, é outra de suas maiores influências no teatro. "É o grande dramaturgo dos paradoxos", afirma.

Mais tarde, Thomas também bebeu da fonte dos grandes autores da Filosofia (área em que se formou durante um período de estudos na Inglaterra). Os filósofos contemporâneos, no entanto, não o interessam. "Não tenho lido. Os semiólogos franceses me cansaram. É muito subterfúgio. Mas ainda tenho carinho por [Roland] Barthes, [Susan] Sontag e [Jacques] Derrida. E nenhum pelos outros. Pode parecer estranho, mas odeio [Jacques] Lacan. Gosto mesmo é de [Friedrich] Hegel e [Immanuel] Kant."

Outra referência marcante na trajetória do diretor é a contracultura dos anos 1960. Entre seus autores prediletos estão os americanos Abbie Hoffman e Jerry Rubin, que Thomas conheceu pessoalmente na casa de Jerelle Kraus, editora de arte do *The New York Times* — onde trabalhou como ilustrador da página de opinião "Op-Ed" a partir do final da década de 1970. Paralelamente, ele ministrava *workshops* no La MaMa Experimental Theater, o icônico teatro off-Broadway pelo qual passaram figuras como o ator Al Pacino, o dramaturgo Sam Shepard, o diretor Robert Wilson e o compositor Philip Glass (seu futuro parceiro).

Foi no La MaMa que Thomas realizou suas primeiras adaptações das peças de seu maior "guru": Samuel Beckett, o gênio irlandês do teatro do absurdo. Essa admiração virou amizade, e durante dois anos a dupla trocou correspondências até se conhecer pessoalmente, na Paris dos anos 1980. "Beckett não me indicava livros. Falávamos de montagens, dos amigos em comum, de ideias cênicas, da música de Schubert. Mas confesso que descobri Jean-François Lyotard (filósofo francês) a partir das conversas com ele", diz.

> "Não existe nada que eu não leria. Li e reli até o *Mein Kampf*, escrito pelo sujeito que cremou a minha família."

De lá para cá, Thomas fundou a Companhia Ópera Seca, em São Paulo, consolidou sua carreira internacional e iniciou uma vitoriosa trajetória como diretor de óperas. Leitor obsessivo, daqueles que acompanham jornais e revistas de diversos países, também passou a assinar artigos para a imprensa e em seu *blog* (alguns deles compilados no livro *Nada prova nada*). "Não existe nada que eu não leria. Li e reli até o *Mein kampf* [livro em que Hitler apresenta suas teorias extremistas], escrito pelo sujeito que cremou a minha família", afirma, relembrando sua origem judia.

Paul Auster e Martin Amis são seus romancistas contemporâneos preferidos ("Pela dinâmica na escrita e por não terem vergonha de assumir influências"). Mas, no momento, sua atenção está voltada para o recém-lançado *500 days: Secrets and lies in the terror wars*, em que o jornalista Kurt Eichenwald (editor da *Vanity Fair* e ex-repórter do *New York Times*) acusa a administração do ex-presidente americano George W. Bush de negligência com relação aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Para quem não se lembra, ou não sabe, Gerald Thomas tem um apartamento próximo ao local em que existia o World Trade Center. Praticamente assistiu à queda das torres da janela de casa e atuou como voluntário no resgate de feridos.

Atualmente, o dramaturgo prepara dois livros. O primeiro, que reúne uma coleção de seus desenhos e ilustrações, deve sair até novembro pela editora Cobogó (de Isabel Diegues, filha do cineasta Cacá Diegues). São reflexões em forma de imagem, esboços posteriormente usados no palco e antigos trabalhos para o *New York Times*. Deve levar o título de *Coffee noodles*.

O volume mais esperado, no entanto, é *The lost case of a brief case,* seu primeiro romance, a ser publicado no início de 2013 nos EUA. "Páginas perdidas 20 anos atrás num bairro londrino são achadas por uma ex-namorada do autor. Ela acaba despedaçada na calçada, como uma peça de Beckett, toda fragmentada. O autor vai preso, acusado de jogá-la, e conhece os detetives Zufall e Essig, da polícia de Nova York. Pouco a pouco, ele só enxerga enigma em tudo. Como, por exemplo, o fato de a Ordem dos Advogados dos EUA ser chamada de *American Bar Association* e tudo ser dentro de um bar, com um bando de alcoólatras. Além disso, os nomes Zuffal e Essig, se pronunciados rapidamente em alemão, soam como *zuverlessig*, que significa 'de confiança'", explica. Mais Gerald Thomas, impossível. ■

EM BUSCA DE CURITIBA | **EDSON BUENO**

APOCA

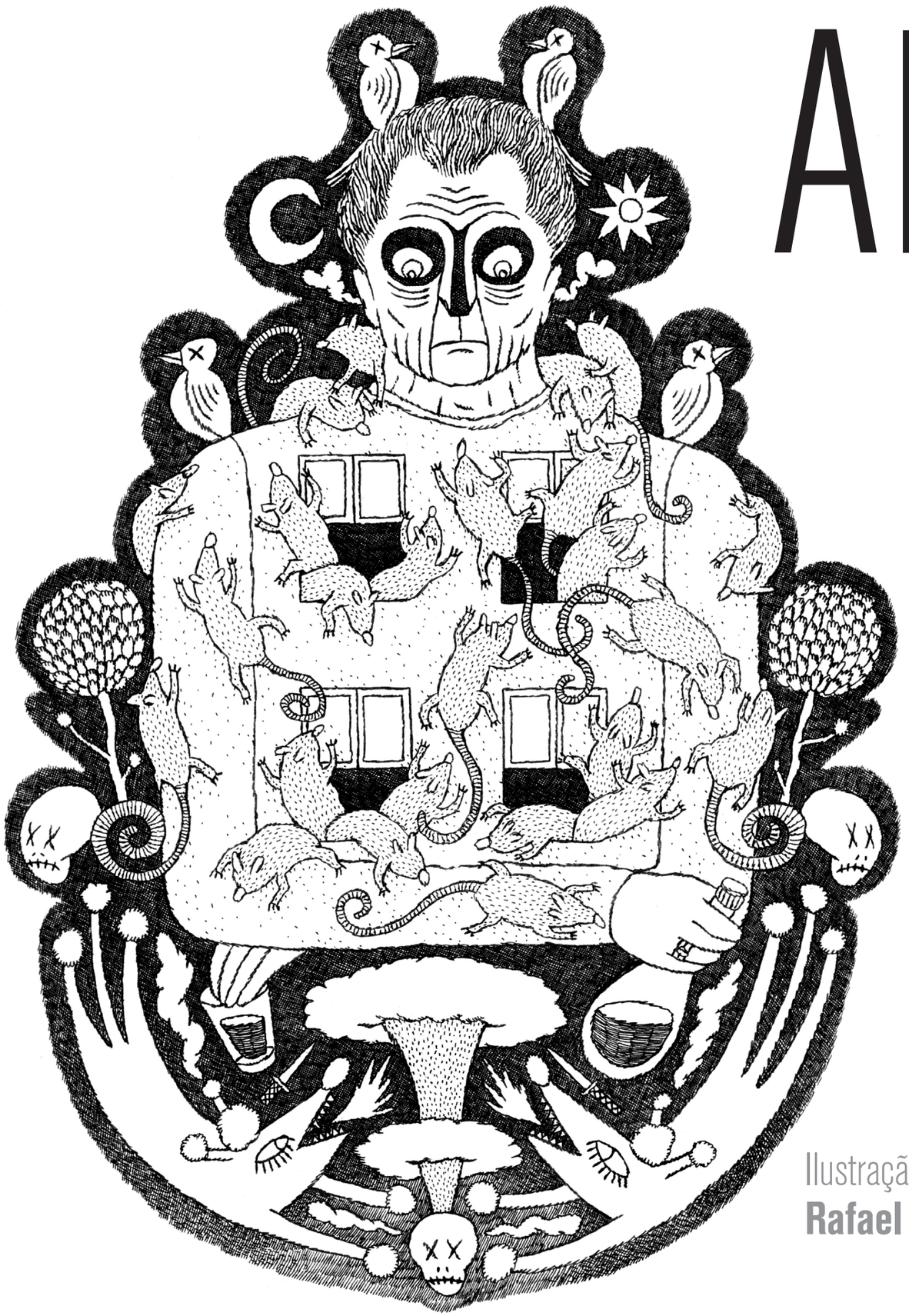


Ilustração: **Rafael** Sica

Quantos ratos moram na Praça Santos Andrade? Perguntou-se o insone Diogo Boss, numa daquelas madrugadas em que ficava olhando a praça pela janela de seu apartamento. Quantos? Talvez fosse mais fácil enumerar as estrelas no céu do que os roedores que entravam e saiam livremente dos esgotos e passeavam pelo gramado. E quantos mendigos? E quantas pombas? E quantas prostitutas? E quantos donos de cachorros com seus cachorros? Um sujeito, solitário e simples, passeia com seu poodle. Diogo Boss sentiu um profundo tédio por aquele desgraçado e seu animal. O que fazia um ser qualquer, sair para a praça, às quatro horas da madrugada com seu poodle, caminhando meio zumbi, meio bêbado, meio sem rumo, entre alguns mendigos que dormiam no gramado em cima de papelões como se nenhum estrago lhes provocasse nas costelas. Tédio mortal. E os ratos? Sinto muito, mas com os ratos é diferente! Que corajosos são eles quando desce o sereno e não se importam mais com os humanos. Não, não venham dizer que a única coisa que diferencia um rato esquivando-se pelo meio fio e um sujeito passeando com seu cão àquela hora, é a condição racional ou irracional. As coisas se misturam. Diogo Boss chegava a enxergar um rabo comprido e liso no sujeito que agora, sentado num banco deixava o cão livre da coleira. Tédio e insônia. Por que estamos acordados se até os mendi-

LIPSE

gos dormem? Para o cachorro pouco importa a hora, a festa de cheirar cada pedaço de grama é a felicidade total. Diogo Boss vê e pensa. Sente uma vontade enorme de alterar a lógica da praça naquela madrugada. Por que as coisas têm que ser tão óbvias e previsíveis? Por que o Teatro Guaíra não é, de repente, um tenor gigantesco acordando fantasmas sonolentos com seu potente fôlego de "Nessun Dorma"? E por que a estátua da Lala Schneider não grita a plenos pulmões: "Essa Curitiba eu viajo!", revivendo as glórias cênicas e a literatura do vampiro? Aliás, onde andará o vampiro? Com certeza dormindo, roncando, calmo e plácido, sonhando com contos cada vez mais curtos e essenciais. Que silêncio! Nada. Nenhum tarado masturbando-se entre as árvores, nenhuma bailarina deslizando como pluma ao som de "olha, será que ela é moça, será que ela é pura, será que é o contrário?" Ninguém vomitando, bêbado. Nenhuma briga de casal, nenhum travesti tresloucado e triste. Nada. A Praça Santos Andrade, naquela madrugada, não é do povo. Nem da arte, nem do amor, nem dos que dormem e sonham. Ah, se existisse Deus!, pensa Diogo Boss. E completa: E o Diabo? Não. E se Lúcifer fizesse chover?, fala alto porque sabe que ninguém ouve. Não água, mas vinagre? Álcool, azeite quente, ácido sulfúrico? Para onde iriam os mendigos? O dono e seu cachorro voltariam correndo para seu apartamento sem alma? E os ratos? Por um instante, Diogo Boss e seu demônio da perversidade imaginaram o apocalipse de uma trovoada e uma chuva letal e imediata, daquelas que não dão tempo pra nada. Imaginou o cachorro correndo e seu dono tentando alcançá-lo com a coleira na mão, enquanto os mendigos se atirariam para baixo das marquises, sujos, molhados, fedorentos, mais até que os ratos, que se enfiam entre os buracos da praça, sorridentes e sádicos, esperando que tudo seja só deles. Mas nem chove, nem coisa alguma acontece. Melhor assim. É claro que esse enganador sentimento de paz, conforta. Mas quem pode ter paz entre ratos, mendigos, donos de cachorros e cachorros? Uma brisa pouco mais que leve balança os galhos das árvores. Diogo Boss passeia os olhos pela praça, inútil. E vê algo que nunca tinha visto, pelo menos com os diálogos. Num outro banco, sob uma árvore belíssima, de folhas redondas e verdes claras, uma prostituta bem mais feia que qualquer um dos ratos, está com a mão sobre o joelho de um velho, mais feio que tudo — os ratos, os mendigos e, até, a prostituta. Um velho caquético, encarquilhado, desgrenhado, decadente de dar pena. E ela grita ao seu ouvido. O vácuo da madrugada dá a impressão de que ela fala em um megafone, tudo congela e ninguém, nem o cachorro, movem um músculo sequer: "Eu não quero joias, eu não quero roupas, eu não quero sapatos! Eu quero dinheiro!" Diogo Boss riu, porque se achava inteligente e foi até sua carteira na estante da sala, conferir quanto tinha lá dentro. Trinta e cinco reais e mais algumas moedas atiradas. O que faria com a prostituta com aquela quantia? Pobre prostituta, pobre velho, pobre madrugada. Quantos ratos dormem na Praça Santos Andrade agora que já são quatro e vinte? Incontáveis. Enche uma taça de conhaque, mesmo que esteja calor, e volta para a janela. Ainda a tempo de testemunhar a prostituta acertando um sonoro bofetão no velho, que nem reage. Aliás, nada na Praça Santos Andrade reage. Absolutamente nada. É tudo pura passividade. A prostituta levanta irritada do banco e atravessa o canteiro, cruza com o poodle e, sem piedade, ressentida, chuta seu estômago. Um uivo de dor acorda o dono, que caíra num cochilo de desassossego. Estava sonhando com um mundo onde todo mundo era cachorro e ele era o mais cachorro de todos! A raiva pela maldade sobe para seus olhos e ele, de um salto, projeta-se para a prostituta e acerta-lhe um soco impiedoso no canto da boca. Houve também um palavrão, imperceptível, mas sonoro e forte. Ela cai, tonta, nada sensual e de pernas finas, muito finas, desejáveis coisa nenhuma. Mendigos acordam de um susto e, como heróis desavisados, sem motivo aparente — mas eles sabem por que — avançam para cima do homem que sobe no banco. Dizem coisas ininteligíveis e seus sibilos parecem demais com os dos ratos quando conversam. A Praça Santo Andrade é agora um filme trash de zumbis! Algumas luzes de alguns apartamentos acendem. O homem, encurralado no banco de jardim, saca uma arma. Algo inimaginável minutos atrás! Diogo Boss nem percebeu que tomou o conhaque de um gole só. Ouve-se um tiro, depois outro e outro e outro e então que os mendigos vão caindo como moscas. Os passarinhos levantam voo assustados e um barulho enorme de asas acorda mais apartamentos e novas luzes acendem; agora Diogo Boss pode ver que algumas pessoas saem nas sacadas e janelas. Outros mendigos correm, mas são facilmente alcançados pelo revólver do dono do cachorro. A prostituta implora por sua vida e recebe um tiro entre os olhos, o velho abre os braços como se fosse Jesus Cristo ressuscitado e recebe um tiro no meio do peito. É bela a sua despedida da vida. Diogo Boss tem a impressão de ver sua boca abrir-se num leve sorriso e pa-

APOCALIPSE

EM BUSCA DE CURITIBA | EDSON BUENO

rece ler sua última sentença: "Enfim". É, sem qualquer dúvida, uma matança! Mas também, o que esperar de uma madrugada daquelas? Quente, fria, silenciosa e barulhenta? Na correria, um dos mendigos olha para cima e seus olhos assustados cruzam com os olhos frios e calmos de Diogo Boss no alto do seu conforto. São segundos de puro apaixonamento. Aqueles que antecedem o pior. Sim, porque o mendigo já tomba com um tiro nas costas. Que fazer com os mendigos, com as prostitutas e com os ratos? Por que sempre que estão em situações limite olham no profundo de nossos olhos como se nos cobrassem uma solução para os problemas da humanidade? Nada posso fazer, pensou Diogo Boss. Sou só uma testemunha, nada quero da vida além disso e nada espero além de algum espetáculo que encha meus olhos e provoque o meu tédio. A vida é sem graça, sem cor e sem cheiro. E caem os mendigos ensanguentados e frágeis! É preciso ter pena? Algum tipo de piedade? Quem se apieda dos ratos que, desesperados, despertam na noite em busca de comida, lutando bravamente por suas vidinhas, à margem, tratados como pestes? Eles que, como Diogo Boss, não pediram pra nascer e nem sabem que transmitem doenças. Quem reza pelos ratos? Ah, sim, o ser humano é digno de lástima, como disse Strindberg, e afinal de contas são apenas alguns mendigos, uma prostituta e um velho com sangue no canto da boca que se despedem de uma vida miserável. Inútil? Não, inútil não, pensa Diogo Boss, mas miserável sim. Como os ratos que riem entre os dentes, escondidos nos tufos de plantas, cantos de calçadas e buracos de árvores. Engraçado é que não se ouve uma sirene de polícia, nada! Onde andará a segurança? Dormindo? Mas como alguém pode achar que está seguro dormindo? Dormir é um perigo, dormir é abandonar-se ao acaso, deixar-se vulnerável. Quem, em sã consciência, dormiria se soubesse os riscos que corre? E os ratos? E a matança? Tudo é vulnerabilidade. O dono do cachorro, em pé sobre o banco, recarrega a arma. Quem diria que veio à Praça Santos Andrade com seu poodle, armado até os dentes? Implacável ele aponta a arma para uma sacada qualquer e atira. Um corpo projeta-se no espaço, ferido mortalmente. Uma despedida do oitavo andar! Homem ou mulher? Diogo Boss não consegue ver direito, é míope. E o poodle? Ah, que lindo! Peludo, fofo e sorridente, passeia serelepe pelo gramado, cheirando, mijando e defecando como se absolutamente nada estivesse acontecendo. E sabe o quê?, pensa Diogo Boss, como um cachorro, nada está acontecendo mesmo. Se pensasse como um rato, cairia na gargalhada. E se pensasse como todos os ratos acordaria toda Curitiba e seria tudo uma grande farra. Quatro e quarenta e ele bebe mais uma dose de conhaque. Uma leve tontura balança sua imaginação. Mais duas ou três doses e cairá, desmaiado de sono no sofá velho e descosturado. Mas ainda não, porque há os ratos, o assassino, os mortos, os vizinhos e o poodle. O homem e seu revólver são uma coisa só. Ele vai atirando para o alto e os corpos vão despencando, antes curiosos, agora curiosidade dos outros. E, de repente, todos estão mortos. Tédio absoluto. Diogo Boss só ouve a própria respiração e só vê o homem e seu revólver, estático sobre o banco, tão rígido quanto a estátua de Rui Barbosa. Até o braço permanece erguido. A arma caiu e ele não tem mais nenhuma utilidade. O poodle continua se divertindo com a liberdade. Os ratos ainda não arriscaram movimento. Do outro lado da cidade, talvez no Bacacheri, estouram fogos de artifício. Alguém atingiu um orgasmo, pensa Diogo Boss. Mas na Praça Santos Andrade é só morte, sangue e poodle. Diogo Boss não tem medo, debruça-se no parapeito de seu sexto andar e contempla a paz, agora tomando conhaque no gargalo. Como é plácido o mundo sem mendigos, prostitutas e vizinhos. A paz é ilusão. É quando a estátua do dono do cachorro se move. O homem coloca um último projétil na arma. Aponta para a própria cabeça e atira. Cai. E como era de se esperar, nada acontece. Diogo Boss toma mais um gole de conhaque. O poodle talvez perceba que seu dono se foi. Olha, meio sem graça para o corpo, e continua cheirando as flores e as plantas. Depois resolve, pela primeira vez, aventurar-se pela Rua XV de Novembro, e vai, faceiro na direção da Praça Osório. Mais um mendigo, pensa Diogo Boss. E agora é tudo mesmo uma grande inutilidade. A Praça Santos Andrade, do sexto andar, parece uma praça de guerra. Cinco horas. Que fazer? Poderia ligar a televisão, ler um livro, escrever alguma bobagem, rezar, tentar uma meditação. Curiosidade. Diogo Boss resolve descer até a praça. Pega o elevador e deixa, de propósito, a porta do seu apartamento aberta. Chega no hall e cumprimenta o porteiro, que lê a Bíblia. E sai para a praça. Vazia, silenciosa, decorada, linda, como se tivesse sido limpa pelas línguas dos garis. Senta no banco da praça e resolve esperar clarear, aguardar os primeiros movimentos da cidade, os primeiros carros, as primeiras buzinas, os primeiros barulhos de portas de aço abrindo-se e os primeiros humanos. Senta e também espera os ratos. E eles chegam. Uma ratazana cheirosa, metida a besta estaciona bem na sua frente, entre seus pés. "Você é bem corajosa", diz Diogo Boss. "Sou mesmo!", ela responde. Namoram-se. Olham-se profundamente. "Que é que você quer de mim?", pergunta a ratazana. "Simples", ele diz. "O óbvio.". "O quê?". Quem somos nós? ■

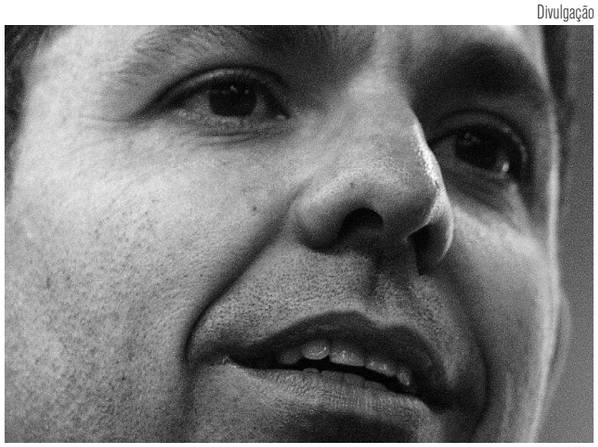
Edson Bueno é diretor, dramaturgo, roteirista e ator. Com 77 peças dirigidas, sendo 45 de sua autoria, já ganhou vários prêmios, entre eles o Troféu Gralha Azul de melhor diretor de teatro do Paraná. Vive em Curitiba (PR).

APOCALIPSE

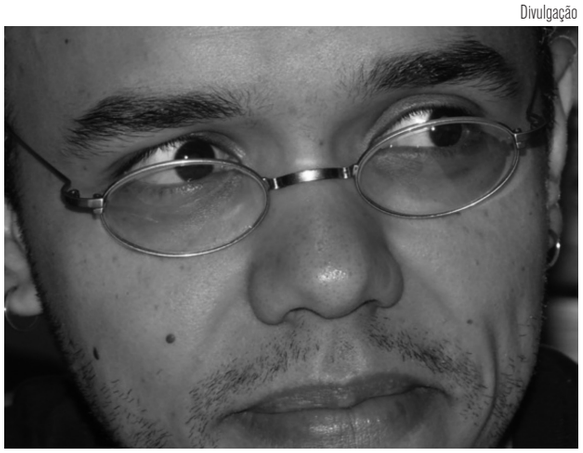
CONCURSO

Prêmio Paraná de Literatura recebe quase 900 inscrições

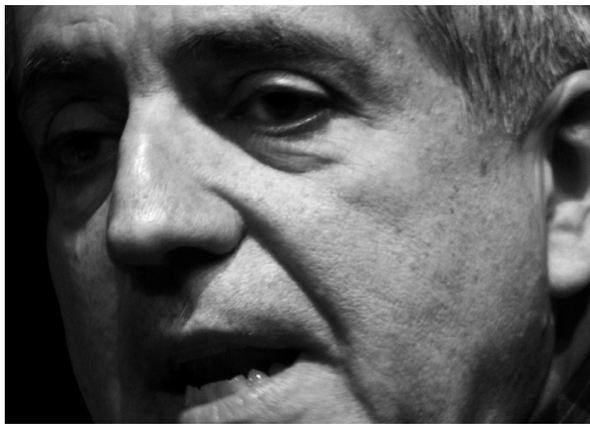
Divulgação



Divulgação



Matheus Dias



Miguel Sanches Neto (Poesia), Caetano Galindo (Conto) e José Castello (Romance) são três dos nove jurados do Prêmio.

Prêmio Paraná de Literatura
romance . conto . poesia

O vencedor de cada categoria receberá R$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Secretaria de Estado da Cultural com tiragem de mil exemplares; resultado sai em dezembro

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) divulgou o número de concorrentes à primeira edição do Prêmio Paraná de Literatura, cuja as inscrições encerraram em 31 de agosto. No total, foram enviados 878 livros inéditos, divididos em três categorias: Poesia — Prêmio Helena Kolody (413), Romance — Prêmio Manoel Carlos Karam (201) e Contos — Prêmio Newton Sampaio (264).

Autores de todos os Estados do Brasil e do Distrito Federal, além de brasileiros residentes em vários países do exterior, enviaram trabalhos. Os Estados com mais participantes são, pela ordem, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

O resultado do concurso será divulgado na primeira quinzena de dezembro. O vencedor de cada categoria receberá R$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Biblioteca Pública do Paraná, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seus livros e poderão reeditar os títulos comercialmente. As obras concorrentes serão avaliadas por uma comissão julgadora formada por um presidente e nove membros (três em cada categoria).

José Castello, João Cezar de Castro Rocha e Luiz Ruffato são os jurados da categoria Romance (prêmio Manoel Carlos Karam). Marçal Aquino, Rodrigo Lacerda e Caetano Galindo escolhem o melhor livro de contos (prêmio Newton Sampaio). Heloisa Buarque de Hollanda, Miguel Sanches Neto e Antonio Carlos Secchin analisam as obras de poesia (prêmio Helena Kolody). O presidente da comissão é o jornalista Rogério Pereira, diretor da BPP.

"Por se tratar da primeira edição do prêmio, o número de inscrições superou as nossas expectativas. O Brasil tem concursos literários importantes, que revelam novos talentos e consolidam carreiras. Com jurados experientes e uma premiação relevante, o Prêmio Paraná de Literatura chega para cumprir o papel de legitimar a cultura e incentivar a produção", afirma Pereira.

Tradição

O Prêmio Paraná de Literatura surgiu da necessidade de o Estado do Paraná voltar a ser um dos protagonistas nacionais em relação a concursos literários. Entre os anos 1960 e 1980, o Governo do Paraná promoveu o Concurso Nacional de Contos, que revelou e premiou grandes autores.

Na primeira edição, realizada em 1968, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Luiz Vilela e Samuel Rawet figuraram entre os vencedores. Nos anos seguintes, escritores como Clarice Lispector, Marcos Rey, Rubem Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão também foram premiados. ■

POEMA | ALEXEI BUENO

A outra visita

E agora, Carlos? Já são 110
Os anos que não tens. Onde teus pés

Roçam agora? Neste mesmo burgo?
Nos jesuíticos pátios de Friburgo?

Na Rua da Bahia, no ar, na FLIP
Provando a própria glória, alto acepipe?

Seguindo as moças pela Rio Branco?
No Posto Seis, de bronze, no teu banco?

Se Villon quis saber das velhas neves,
Também procuro os teus sapatos leves

Da substância da névoa, reses brancas,
Que em Minas, lá nas grotas, nas barrancas,

Pastam o sol que as sorve, sem mugidos.
Hospedas-te em hotéis já demolidos?

Que é dos bondes em chamas? Que é do Mário,
Villa e Candinho, e as horas do Rosário?

Onde a hipnótica padra inamovível
E a taipa em lama a fluir pelo desnível?

Conversas com Manuel, Murilo, Nava?
Que coquetel a vida, gelo e lava...

Fitas, quieto, do Pico de Itabira,
O tempo, que do nada nos retira

Sendo também um nada? Olhas, absorto,
A folga literária de estar morto?

Não receber quinhentos cartapácios
Para escrever orelhas e prefácios?

Ilustrações:
Marco Jacobsen

Um mundo engole o outro. Tudo é novo
E velho, e imemorial. Para este povo

Alguma rosa nasce? A guerra justa
Morreu nas telas, trágica e vetusta.

A mesa está vazia, mais vazia
Do que quando tua mão nela escorria.

Carlitos tomou uma estrada curva,
Garbo é uma foto carunchada e turva.

A Máquina do Mundo não se oferta
Mais a ninguém na trilha ínvia e deserta...

Mas não, quanta mentira... O que houve um dia
Nada o pode anular, nada esvazia

A fôrma do poema quando o poeta
Deixa-a, médium de si, clara e repleta.

O Pico de Itabira se ergue, etéreo,
Como antes de sugarem seu minério,

E ainda mais alto. O santeiro Duval
Corta um santo de cedro no avental.

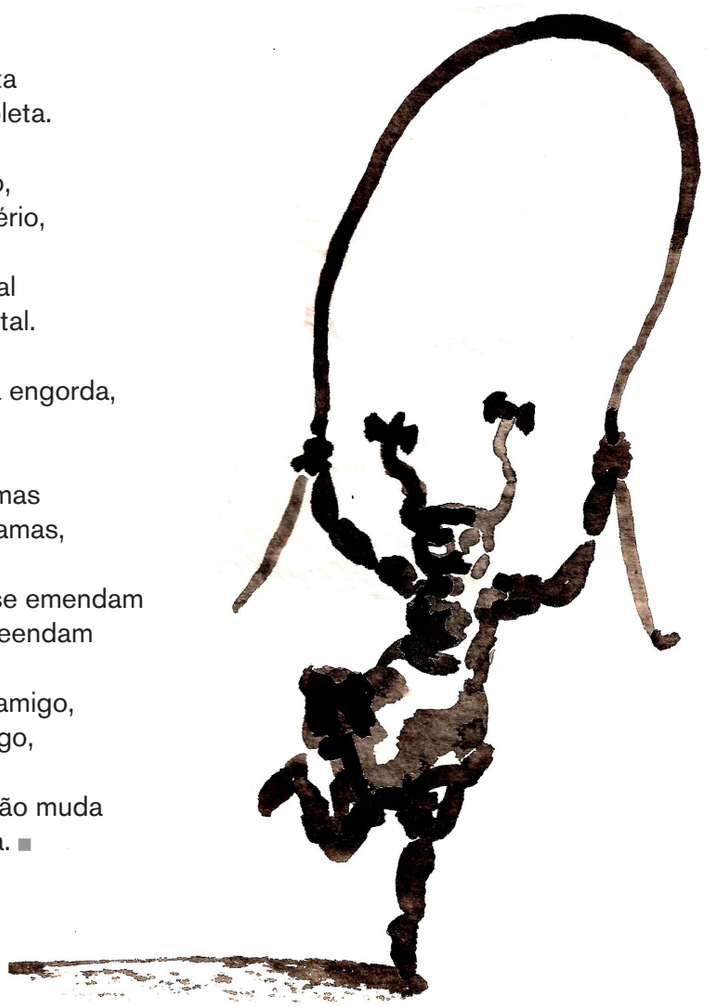
Teu pai olha o rebanho que a erva engorda,
No parque tua filha pula corda,

Quantas pérolas, contas, fotogramas
Formam o fio e o filme, quantas camas,

E armários, e caixões, e umbrais se emendam
Para que muitas vidas não compreendam

Que são uma, uma só? Por isso, amigo,
Aqui estás, tu conosco, nós contigo,

Tanque da água que cai, mina e não muda
Onde a noite no dia se transmuda. ■



Alexei Bueno é poeta, ensaísta, tradutor e editor. Publicou, entre outros livros, *Lucernário*, *A via estreita* e *Poesia reunida*, que venceu o Prêmio Jabuti em 2003. Seu mais recente livro de poesia é *As desaparições* (2009). Também organizou a obra completa de Augusto dos Anjos. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

NOTA

O poema "A outra visita" foi realizado a partir de um pedido do jornalista Arnaldo Bloch, que encomendou a Alexei Bueno um texto, de cerca de três minutos, que seria gravado, sobre Carlos Drummond de Andrade, para o encerramento da Flip deste ano, na qual o poeta foi o homenageado. Mas, ao invés de um depoimento, Bueno compôs um poema, cujo título faz uma referência ao poema "A visita", no qual Drummond trata da célebre visita do jovem Mário de Andrade a Alphonsus de Guimaraens, em Mariana (MG).

Sempre palavra

Haralton Maravalhas

Sinônimo de poesia, Helena Kolody completaria 100 anos em 12 de outubro. Composta por dezenas de livros e inúmeros poemas, a sua obra é cada vez mais estudada nas universidades e o seu nome se mantém presente no imaginário da cultura contemporânea paranaense

MARCIO RENATO DOS SANTOS

"O poeta nasce no poema, inventa-se em palavras." O poema de Helena Kolody pode, em alguma medida, definir a poeta que completaria 100 anos em 12 de outubro deste ano. O percurso da autora nascida em Cruz Machado (PR) e radicada em Curitiba é, em grande parte, de e por meio de poemas e palavras. O escritor e editor Roberto Gomes acredita na tese. "Não era uma poeta eventual. A poesia foi, para ela, uma forma de vida, uma forma de entender a vida, de construir a si mesma", diz Gomes, lembrando que a autora escreveu, e publicou, desde os 16 anos até 2004, quando morreu, aos 91 anos. "Ela tinha algo de fascinante: era desses poetas — como o Mario Quintana — que parecem encarnar a poesia", completa o editor, que publicou diversos livros da autora, inclusive *Viagem no espelho*, coletânea que reúne a sua obra.

A relação visceral de Helena com as palavras chamou, já faz tempo, a atenção de Antonio Donizeti da Cruz, que realizou dissertação de mestrado e tese de doutorado sobre a produção da autora. "A poesia kolodyana tem o poder de projetar palavras que despertam o leitor para uma observação atenta das coisas mínimas, mas indispensáveis à conjugação dos entes e seres", afirma. Para compreender melhor as palavras do professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), basta recorrer a poemas de Helena como, por exemplo, "Significado" — do livro

Poesia mínima (1986) —, no qual se lê: "No poema/ e nas nuvens,/ cada qual descobre/ o que deseja ver".

Autoexplicativo, "Significado" evidencia uma característica da produção da autora: a sabedoria ou, dito de outra maneira, o conhecimento da experiência humana apresentado de maneira sutil e com tamanha simplicidade que o leitor pode se perguntar por que ele não escreveu aquilo. O mesmo se dá com, e diante, de outros poemas, a exemplo de "Poesia mínima": "Pintou estrelas no muro/ e teve o céu/ ao alcance das mãos". Roberto Gomes considera esse um dos melhores momentos de Helena e, desconcertado, diz: "Perceba a síntese e a simplicidade". Em seguida, ele completa: "Qualquer um acha que poderia ter escrito isso aí".

Mas a aparente simplicidade da lírica kolodyana, evidentemente, é resultado de um trabalho contínuo. Dos primeiros aos últimos livros, há — pelo menos — um aspecto comum na obra de Helena: ela estreou com versos longos e buscou, obstinadamente, a síntese — apesar de haver, na primeira obra, *Paisagem interior* (1941), poemas curtos e haicais. "Exceto Guilherme de Almeida, em São Paulo, ninguém no Brasil [na década de 1940] se aventurava nessa forma", observa Gomes.

Luísa Cristina dos Santos Fontes, professora de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), vai no embalo do discurso do escritor e editor catarinense e observa que na década de 1980 surgirá uma Helena desprendida de valores poéticos ultrapassados, "que acaba conquistando um público leitor mais jovem com uma poesia 'mais leve e mais breve', mais imediata, mais urgente, numa dicção absolutamente sintonizada com a prática poética de seu tempo". Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com pesquisa sobre a obra de Helena, Luísa localizou mais de 500 textos críticos sobre a obra da poeta centenária e, em relação aos poemas breves, há até mesmo declarações apaixonadas, a exemplo do que escreveu Paulo Leminski: "Helena chega ao gol com menos toques na bola".

Diálogos kolodyanos

Em meio à vasta produção da autora, o escritor Paulo Venturelli destaca "Gestação", do livro *Sempre palavra* (1985): "Do longo sono secreto/ na entranha escura da terra,/ o carbono acorda diamante". Também professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Venturelli explica o porquê de sua predileção por este texto minimalista de Helena: "Ela resume [neste poema] toda a história da humanidade, toda a transformação do homem ao longo dos séculos, tudo que fizemos para chegar ao patamar em que estamos hoje. De simples animais, bípedes humanoides, chegamos a um mundo de produção impressionante no

A LÁGRIMA

Oh! lágrima cristalina,

Tão salgada e pequenina,

Quanta dor tu não redimes!

Mesmo feita de amargura,

És tão sublime, tão pura

Que só virtudes exprimes

Ao coração torturado,

pela saudade magoado

Pelo destino cruel,

Tu és a pérola linda

do rosário que não finda,

Feita de tortura e fel.

Primeiro poema publicado por Helena Kolody, nas páginas da revista *Garoto*, na década de 1920.

HELENA NO TEMPO

1912: Filha dos ucranianos Miguel e Vitória Kolody, nasce, em Cruz Machado (PR), em 12 de outubro.

1914-1920: Passa a infância em Três Barras (SC).

1920-1922: Estuda no grupo escolar Barão de Antonina, em Rio Negro (SC).

1924: Reside em Mafra (SC), estuda piano, pintura e produz os primeiros poemas.

1927: A família Kolody muda-se para a capital paranaense.

1928: *A lágrima* é o seu primeiro poema a ser veiculado publicamente, nas páginas da revista *Garoto.*

1930: A partir deste ano, os poemas de Helena passam a ser veiculados na revista *Marinha*, editada em Paranaguá.

CAPA | ESPECIAL HELENA KOLODY

TEMPO

Cai a areia da vida
Na ampulheta da morte.

Do livro *Vida breve*, de 1964.

século atual. Nós, que éramos o bruto carbono escondido nas cavernas do tempo e da história, fomos nos desenvolvendo até nos tornarmos o diamante de hoje".

Venturelli analisa que a busca pela síntese diz respeito ao amadurecimento da autora. "À medida que lia e escrevia, ela foi se desvencilhando quase naturalmente da carga verbalista para versos e poemas mais sintéticos. Helena deve ter buscado esse patamar com a consciência de quem precisava ir mudando, enquanto sua visão de mundo e sua sensibilidade também mudavam", argumenta o escritor e professor, acrescentando que a poeta não vivia isolada em si mesma. "É óbvio que ela estava antenada com o que se produzia e recebeu influxos das tendências de nossa poesia ao longo do tempo. Se ela tivesse se mantido como foi no início, obviamente não teria alcançado a grandeza que alcançou", completa.

E quem seriam os autores com quem Helena Kolody dialogou? Venturelli cita Cecília Meirelles, Manuel Bandeira e Henriqueta Lisboa. Roberto Gomes acrescenta Mario Quintana e Adélia Prado. Antonio Donizeti da Cruz afirma que é possível identificar na poesia de Helena sinais — intertextuais — de Fernando Pessoa e Camões. "A presença do Oriente em sua poesia deve-se às leituras prediletas de sua juventude, incluindo a obra de Rabindranath Tagore, como ela mesma afirmou em diversas entrevistas", comenta Cruz.

Duplo, viagem e outros temas

Antonio Donizeti da Cruz identifica como temas recorrentes na produção da autora o fazer poético, a concepção do duplo — representada pelo espelho, a sombra, o reflexo, o retrato —, a viagem, a efemeridade, a permanência, o amor — e também o amor não correspondido, a solidão e a memória. O professor da Unioeste também percebe, na poesia de Helena, a identificação com o legado cultural da Ucrânia e, ainda, uma celebração telúrica com relação ao país de seus ancestrais. "O retorno às origens, a referência à imigração ucraniana, a revisitação da infância pelo sujeito lírico e a nostalgia são temas recorrentes na poesia kolodyana", teoriza.

Ana Maria Zanini, autora da dissertação de mestrado *A poesia de Helena Kolody: religiosidade em confluências da arte*, menciona um aspecto da obra da poeta — tema central de seu estudo: a religiosidade. "Não poderia deixar de citar os poemas de cunho religioso, onde a presença de uma força superior se materializa na magnitude dos versos. Nesses poemas, Helena questiona o nascimento, a vida, a morte e o além. Assim, é possível refletir sobre o conjunto de atos que substantivamos no termo existência, sendo que a surpresa maior é o fato da consciência, é o desabrochar para a racionalidade. A poeta vai a todo momento trabalhando os estados de ignorância e conhecimento e neste paradoxo vai afirmando que quanto maior o estado de ignorância, maior o nível de felicidade", comenta a professora que vive em Renascença, na região Sudoeste do Paraná.

Para comprovar o raciocínio, Ana cita o poema "Gênesis", do primeiro livro da autora, *Paisagem interior* (1941): "A princípio era o nada:/ Tudo confuso e escuro, imerso no silêncio/ De um vazio desmedido; a alma inteira abismada/ Na inconsciência feliz e boa de ignorar/ A vida, a inquietação suprema de viver/ Encadeada à suprema angústia de pensar". Ana argumenta que, a exemplo do que o poema sugere, a grande dor é pensar, refletir, tomar consciência do mundo. "'Gênesis' é um poema espetacular porque trabalha exatamente com o que eu disse anteriormente, ou seja, a inquietação de viver é a angústia de pensar. À medida que se desenvolve, vai desdobrando a temática e aflora em questionamentos do tipo: quando, como e por que do mistério de viver", diz Ana.

Outras fronteiras

Apesar dos estudos acadêmicos que, inegavelmente, tornam a obra mais visível, e até da condecoração póstuma que recebeu no ano passado do Ministério da Cultura, a Ordem do Mérito Cultural, a poesia de Helena Kolody ainda é pouco conhecida fora do Paraná. Paulo Venturelli e Roberto Gomes dizem, em coro, que, antes de mais nada, é necessário evitar alguns equívocos — ditos e repetidos — a respeito da autora.

"No âmbito curitibano, falta alterar a ótica de leitura e de avaliação de sua obra. Helena não era uma senhora idosa e piedosa que escrevia versos. Era, desde muito jovem, alguém com uma consciência muito cla-

1932: Designada professora do grupo escola Barão de Antonina, em Rio Negro.

1937: É transferida para a Escola Normal Secundária de Curitiba, onde leciona por mais de duas décadas.

1941: Publica seu primeiro livro, *Paisagem interior*, dedicado ao pai, Miguel, morto meses antes do lançamento.

1945: Ano de publicação de seu segundo livro, *Música submersa*.

ra do fazer poético — escreveu belos versos sobre a criação literária. Uma raridade na província. Escreveu alguns belos poemas. O que não é pouco", afirma Gomes. Venturelli, por sua vez, diz escutar — nos corredores da vida — muita gente dizendo que não gosta da poesia da Helena por ser romântica demais, açucarada, discursiva. "Isso é uma injustiça. Ela pode ter feito isto em seus primeiros livros. No final, era uma poeta de mão-cheia, fazendo versos que rutilam pela telegrafia que nos envia com densidade e substância", afirma.

Antonio Donizeti da Cruz avalia que, a exemplo de um tecelão que escolhe os fios e os emaranha, com esmero e talento, no tear, Helena construiu os seus poemas, "tecidos de palavras", com precisão e arte. "Assim, pode-se verificar na obra de Kolody o olhar projetado no cotidiano e nas suas reinvenções, em suas transmutações da realidade convertidas em matéria verbal capaz de refletir e de dar novos direcionamentos à vida e à arte", opina.

Autor do romance *Júlia* (2008), inspirado na vida da poeta Júlia da Costa (1844-1911), Roberto Gomes diz que não pretende, "de modo algum", escrever uma obra de ficção a partir do percurso existencial de Helena. "A vida de Helena está toda ela colocada nos versos que ela escreveu", afirma. Ele acredita que a obra da poeta foi bastante lida, não apenas em Curitiba. E, para o centenário de nascimento de Helena, Gomes tem um pedido, que é uma sugestão e também um desejo: "Agora, seria o caso da obra dela ser lida melhor". ■

Arquivo pessoal de Adélia Maria Woellner

Encontro de amigos na década de 1990: Helena Kolody, Valfrido Pilotto e Adélia Maria Woellner.

> "Helena estava antenada com o que se produzia e recebeu influxos das tendências de nossa poesia ao longo do tempo."
>
> **Paulo Venturelli**, escritor e professor da UFPR.

1951: Lança *A sombra no rio.*

1964: Publica *Vida breve.*

1966: Surgem dois novos livros: *Trilha sonora* e *Era espacial.*

1970: Publica *Tempo.*

1980: Publicação de *Infinito presente* e *Saga.*

SEMPRE MADRUGADA

Para quem viaja ao
encontro do sol,
é sempre madrugada.

Do livro *Sempre palavra*, de 1985.

CAPA | ESPECIAL HELENA KOLODY

Helena na Biblioteca

Weberson Santiago

Em 11 de agosto de 1986, Helena Kolody participou do projeto "Um Escritor na Biblioteca", criado naquele ano. Helena falou sobre poesia, processo criativo, leitura e assuntos relacionados à literatura. A conversa, que teve a participação, entre outros, de Paulo Leminski e Alice Ruiz, foi transcrita e publicada em livro. O **Cândido** publica, a seguir, alguns dos principais momentos do encontro.

O que poesia?

A respeito de poesia, eu poderia citar o que Camões, que disse a propósito do amor: "é um não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como..." Eu nunca sei o que vou escrever, nem quando, nem como. Quando termino um livro, tenho a impressão de que nunca mais vou escrever. Quando menos espero e, nas ocasiões mais imprevistas, começo a sonhar palavras. Outro dia, estava fazendo o almoço, cozinhar também é uma arte, e assaltou-me um poema. Talvez, porque eu estivesse muito preocupada com o novo livro, pronto, para o prelo. Nunca estou satisfeita com o que escrevo. Quanto mais envelheço, mais aumenta o meu descontentamento. Sempre penso: será que não chegou a hora de parar? Difícil saber quando se deve parar de escrever.

Síntese

Talvez a poesia de hoje solicite mais a cooperação do leitor. Antigamente, o que eu escrevia era reflexo da realidade. Depois, aprendi que o poema cria sua própria realidade, diferente da realidade prática, embora esta seja a base do poema. Não sei por que alguns acham minha poesia de agora mais difícil. Ela não é hermética; é até muito clara. Só é mais sintética, mais essencial.

1985: Recebe o Diploma de Mérito Literário, da Prefeitura de Curitiba; no mesmo ano publica *Sempre palavra*.

1986: Primeira edição de *Poesia mínima*.

1987: Recebe o título de Cidadã Honorária de Curitiba, na Câmara Municipal de Curitiba.

1988: A Secretaria de Estado da Cultura do Paraná institui o concurso de poesia Helena Kolody.

Eu e os outros

Tema e forma não podem ser separados, são como a alma e o corpo de um ser. Há dois tipos de temas em minha poesia: os que refletem meu próprio eu, confessionais; e os que mostram minha preocupação com os outros e com os problemas do mundo. Ou seja, temas do *eu* íntimo e do *eu* social. Uso muito imagens, metáforas, símbolos tirados da paisagem. Sou uma enamorada da beleza do mundo que me cerca.

Vício e leitura

Creio que uma das características do poeta é essa paixão pela palavra e pela leitura. A leitura amplia nossos horizontes, enriquece nossa arte. É preciso ler, ler e ler. Não só criar o hábito da leitura, mas o vício da leitura, porque o vício é uma necessidade imperiosa, um hábito compulsivo. Desde criança, cultivei o hábito de ler. No próprio Grupo Escolar Barão de Antonina, em Rio Negro, havia uma pequena biblioteca à disposição dos alunos. O estudante retirava o livro e levava para ler em casa. Li toda uma coleção que apresentava as grandes lendas da humanidade, trocadas em miúdos, para as crianças. Livros de papel acetinado, ilustrados com sugestivas policromias. A apresentação do livro é importante porque apura o senso estético da criança. Aqueles lindos livros de meu tempo de criança não só desenvolveram meu amor pela palavra, mas cultivaram meu amor pela beleza.

Imaginação

Ler é um exercício de imaginação. E uma imaginação muito viva é outra característica do poeta e do artista em geral. Ela é nosso poder criador; a capacidade de sonhar e de inventar, que precisa ser exercitada. Principalmente hoje, uma época tão tecnológica, em que a tônica de nossa atividade é o raciocínio. Por isso, hoje, mais que nunca, a arte, que se estriba na imaginação, é tão importante. Fico feliz quando vejo tanta gente escrevendo, pintando, esculpindo, compondo, cantando, cultivando as mais diversas modalidades da arte.

Frutos do tempo

Tão importante como o hábito de ler, é o hábito de conversar. Nasce-se poeta, como se nasce pintor ou músico. Mas o ambiente em que o artista se desenvolve, o diálogo que ele tem com os outros, estimula e aprimora a sua expressão. O poeta precisa testar o que escreve na sensibilidade do outro, e se animar a escrever quando conversa sobre literatura com os que também escrevem. Somos, até certo ponto, frutos de nossa época. Mudam os tempos, muda a poesia. Nestes nossos tempos novos, os poetas moços estão criando poesia. Tudo já foi feito, tudo já foi dito, mesmo dentro da poesia moderna. Por isso, o artista de talento inova e renova. O Paulo Leminski, por exemplo, está criando uma poesia diferente, só dele. Ele desintegra as palavras, cria termos novos, desmancha a própria lógica e inventa uma nova, só de seu poema.

Para todos

É importante que todo mundo escreva. Mesmo os mais fracos se enriquecem com a experiência. E o tempo se encarrega de fazer a seleção. Há também um outro fator positivo: os pequenos servem de medida de avaliação para o talento dos grandes. Os menores ficam apegados aos padrinhos de uma escola literária, ao passo que os maiores alçam voos altos e independentes. Aqueles só dizem o óbvio. Estes transcendem o assunto e a linguagem usual.

Conhecimento

O candidato a "feiticeiro inventor" deve ter algum conhecimento da técnica das diversas formas de poesia. Como pode avaliar um soneto, por exemplo, se não tem nenhum conhecimento de métrica e de rima? Assim, também, o pintor precisa conhecer desenho, perspectiva, a disposição das figuras na tela, a significação dos espaços, a vibração das cores, para depois lançar, com "engenho e arte", duas ou três manchas magistrais na tela.

Utilidade da arte

Para que serve a arte? Não serve. Não tem uma utilidade pública, nem razão de ser. Pode-se dizer que nasce de uma sem-razão. A arte não persegue outro fim que não seja a sua própria realização, é tão indiferente à preocupação utilitária, tão avessa ao aspecto econômico, que sei de pintores que se recusam a vender seus quadros. Vocês não acham que parece um sacrilégio o autor vender seu livro? No entanto, precisa vendê-lo.

Poesia na prosa

Algumas páginas em prosa têm mais poesia do que um livro inteiro de certos poetas. Guimarães Rosa, por exemplo. *Sagarana* é pura poesia. Mesmo em *Grande sertão: veredas* há trechos políticos, nos quais até as frases têm ritmo e rimas internas. Creio que há poesia em tudo aquilo que nos proporciona uma emoção de beleza: poema, prosa, quadro, música.

Arte solitária

Eu mesma burilo o poema: suprimo, troco, altero. Se algum de vocês escreve, nunca deixe que os outros troquem ou incluam palavras em seu poema. Pode alguém dizer se ele está bom, ou não está; pode sugerir modificações. Você mesmo faça as alterações, porque seu instrumento de trabalho é a palavra. A palavra nasce da gente, uma vivência pessoal. A que você usa é muito diferente da que outro usa. Se ele coloca uma palavra no seu trabalho, esta fica sendo uma intrusa, uma pedra estranha na sua construção. Quando pedem a minha opinião, posso dar sugestões; mexer no poema, Deus me livre! As palavras do poema são como o sangue e a alma do autor.

Inesperado

A poesia, para mim, é como uma visita inesperada. Nunca sei como, nem quando vai chegar. Começo a sonhar palavras. Depois, não sei se está bom, ou se está fraco, onde falhou. Preciso da opinião daqueles que considero. O sonho sempre é mais bonito do que as palavras. ■

1989: Grava depoimento no Museu da Imagem e do Som do Paraná, conteúdo transcrito e publicado em formato de livro.

1991: Publica *Ontem agora*; é eleita para a Academia Paranaense de Letras.

1992: O cineasta Sylvio Back realiza *A babel da luz*, curta-metragem em homenagem aos 80 anos de Helena Kolody. No ano seguinte, a poeta publica *Reika*.

1997: Publicação de *Luz infinita* em edição bilíngue, português-ucraniano.

CAPA | ESPECIAL HELENA KOLODY

Na intimidade da poeta

Pianista de música clássica e bordadeira, Helena Kolody é lembrada por amigos e familiares como uma pessoa generosa e excelente conselheira

LUCAS RUFINO

Macaxeira

Helena Kolody segura o livro Mar paraguayo, de Wilson Bueno, um dos escritores paranaenses que frequentavam a casa da poeta.

Considerada a grande dama da poesia paranaense, Helena Kolody não foi poeta por vocação: a poesia a procurava. Olga Kolody, 97 anos, lembra como eram esses momentos em que a poesia visitava a irmã. "A inspiração assaltava ela. Não tinha hora nem local, ela sempre carregava ou deixava espalhados bloquinhos e canetas pela casa, fosse na sala, no quarto ou na biblioteca. Várias vezes eu estava deitada na cama e percebia a Helena acordar, acender a luz e escrever alguma coisa na sua escrivaninha", conta Olga.

Sua vocação era ensinar. Helena foi professora de Biologia e dizia que amava todos os seres vivos. Mas, uma curiosidade: a poeta, que "sonhava palavras", nunca enveredou pelo ensino da literatura. Lecionou durante 25 anos nas cidades paranaenses de Ponta Grossa, Jacarezinho e Curitiba. Em 1947 prestou concurso público para o cargo de Inspetora Federal de Ensino Secundário, ficou na quarta colocação e assumiu a função em 1950.

Diva Torres, colega de trabalho daquela época, a considerava uma excelente profissional. Generosa, tinha a sabedoria necessária para aconselhar e orientar tanto os alunos, como os colegas de trabalho. "Uma vez, disse a ela que havia um aluno que ninguém conseguia dar jeito, e Helena me aconselhou a trazer o aluno para próximo de mim. No dia seguinte, tornei ele o meu secretário, para o espanto de toda a turma. A partir daquele dia, o rapaz se tornou um dos melhores alunos", conta a amiga.

Helena Kolody nasceu em Cruz Machado. Filha de imigrantes ucranianos, aprendeu o português nas escolas por onde estudou. Já o idioma materno, ucraniano, foi aprendido em casa, com os pais. Filha mais velha de seis irmãos, três mulheres e três homens — dois falecidos ainda bebês —, Helena, conta a irmã Olga, parecia ter um dom especial que a diferenciava dos outros irmãos. "Helena era a mais inteligente, não que fôssemos burros ou tivéssemos algum problema, mas ela tinha uma facilidade maior para aprender as coisas", diz.

Ainda na infância, Helena aprendeu a pintar, bordar e tocar piano. Adorava música, tinha discos de todas as orquestras famosas, mas gostava mesmo era de ouvir música clássica. "A Helena tocava piano muito bem. Adorava tocar Chopin e Beethoven", relata a irmã.

Regina Kolody, sobrinha da poeta, ainda guarda com carinho alguns presentes da tia. "Helena era muito caprichosa em tudo que fazia, até hoje tenho guardado panos bordados que ela fez pra mim e um livro de receitas, todo escrito a mão por ela."

Outra grande paixão da infância, levada por toda a vida, foi a leitura. Organizada e caprichosa com os seus livros, nas estantes as obras eram separadas por tema, nunca estavam misturadas. Lia sobre tudo, gostava de dicionários e tinha enciclopédias que, antes do advento da internet, eram a tábua de salvação para qualquer pesquisa.

Diferentemente de Adélia Prado, que vive entre bolinhos de chuva e ver-

2004: Helena Kolody falece no dia 15 de fevereiro.

2011: Publicação de *Infinita sinfonia*, com toda a obra da autora, conteúdo organizado por Adélia Maria Woellner. O Ministério da Cultura concede à autora, *in memoriam*, a Ordem do Mérito Cultural.

2012: Centenário de nascimento da autora. A Secretaria de Estado da Cultura do Paraná passa a publicar a revista *Helena*, publicação cultural focada em cultura. Biblioteca Pública do Paraná realiza exposição em homenagem ao centenário de nascimento da autora.

sos, Helena não foi excelente cozinheira: fazia apenas o básico para o seu cotidiano, mas adorava doces. É comum ouvir relatos de amigos sobre o famoso cálice de licor que a poeta servia aos visitantes de seu apartamento, que, entre tantos jovens em busca de conselhos, recebeu Wilson Bueno e Paulo Leminski, escritores que despontariam no cenário literário nacional. "Lembro que quando íamos para Curitiba, era comum chegarmos e ter algum doce na casa da tia Helena, caso contrário ela nos levava à Confeitaria das Famílias ou à Schaffer", relembra Lígia, outra sobrinha da poeta, referindo-se a duas confeitarias tradicionais da Curitiba de Helena.

Apaixonada pela natureza, a poeta adorava viajar para a praia. Teve uma casa no balneário de Capri, em São Francisco do Sul (SC). Com o passar dos anos, o custo de manutenção da casa e a instalação de um Terminal Marítimo da Petrobras, que destruiu parte da natureza do local, fez com que Helena, juntamente com as irmãs, vendesse a casa. Sem casa na praia, a poeta passa a frequentar a sede da Associação dos Servidores Públicos do Paraná, em Caiobá. "Ficávamos sempre nos mesmo quartos, eu no quarto 6 e a Helena no quarto 9. Eu gostava de fazer as minhas coisas, sair, passear. Já a Helena era mais reservada, tímida, preferia ficar no seu canto observando a natureza e lendo", diz a irmã Olga.

Um anjo exilado na terra

"Ela era uma pessoa de personalidade forte, muito crítica com ela mesmo, mas doce e atenciosa com os outros", relata Adélia Maria Woellner, poeta e amiga de Helena.

Como a maioria das famílias de descendentes de ucranianos e poloneses, a religião sempre esteve presente na casa dos Kolody, fato que refletiu diretamente na vida e na obra da poeta. Educada em escolas de influência religiosa, Helena frequentava a missa da igreja Bom Jesus, na praça Rui Barbosa, no centro de Curitiba. Seu poema "Prece" recebeu o "Imprimatur" da igreja, podendo ser lido como uma oração e está emoldurado em um quadro no corredor do apartamento em que viveu. A honraria da igreja, para Olga, demonstra que a irmã era " uma pessoa mística, iluminada".

Diva Torres revela que certa vez, ao ter um problema com determinada pessoa, uma amiga recomendou a Helena que se vingasse, ao que a poeta respondeu: "É preferível a gente chorar a fazer os outros chorarem". Depois de décadas lecionando, Helena viveu de duas aposentadorias e pouco se importava com questões práticas envolvendo dinheiro, como era o caso dos direitos autoriais de suas obras. "Só peço alguns exemplares para poder guardar comigo e distribuir para os parentes", dizia a poeta.

Helena aceitava tudo que a vida lhe oferecia, mas ficou sem realizar um dos seus maiores sonhos: casar e ter filhos. Foi noiva durante dois meses, mas acabou não casando. No entanto, não guardou qualquer tipo de mágoa ou ressentimento. Costumava dizer que seus alunos eram os seus filhos. Fato comprovado pela legião de ex-alunos que frequentou o apartamento da poeta ao longo dos anos até o seu falecimento, em fevereiro de 2004. ■

RETRATO ANTIGO

Quem é essa

que me olha

de tão longe,

com olhos que foram meus?

Do livro *Ontem agora*, de 1991.

Arquivo

"Lembro que quando íamos para Curitiba, era comum chegarmos e ter algum doce na casa da tia Helena, caso contrário ela nos levava à Confeitaria das Famílias ou à Schaffer".

Lígia Kolody, sobrinha da poeta.

Homenagens ao centenário

LUCAS RUFINO

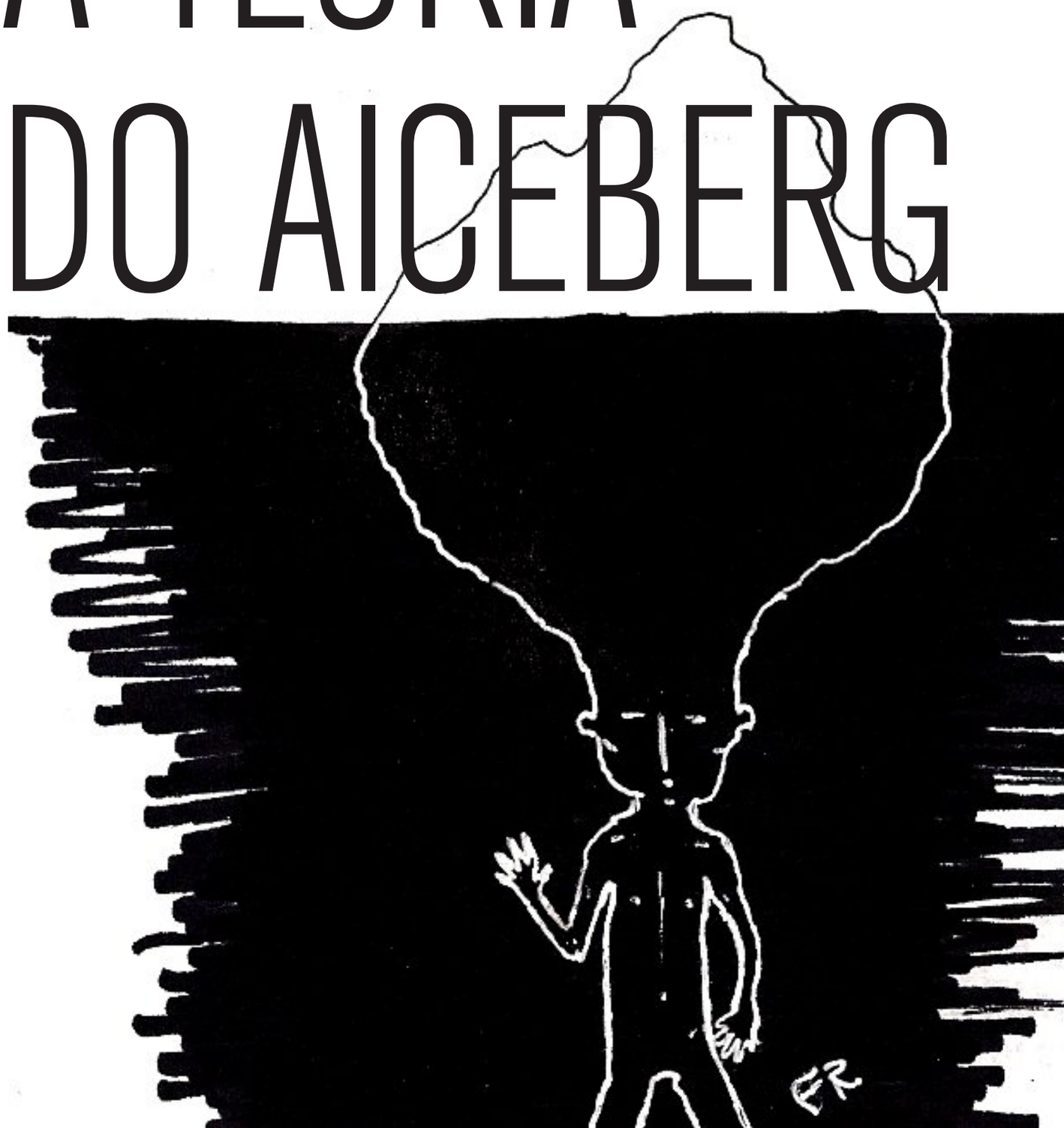
Para além da efeméride, 2012 realmente é o ano de Helena Kolody. Uma série de eventos, que começaram ainda no primeiro semestre do ano, visam colocar o nome da poeta paranaense em primeiro plano. No primeiro semestre, a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC) lançou a revista *Helena*, publicação com periodicidade trimestral — a edição zero foi dedicada à autora; o próximo número, que circulará a partir de outubro, terá como pauta o Norte do Paraná. Outra iniciativa da SEEC, por meio da Biblioteca Pública do Paraná, foi o Prêmio Paraná de Literatura 2012, com três categorias: romance, conto e poesia. Cada categoria homenageia figuras importantes da literatura paranaense: Helene Kolody dá nome ao concurso de Poesia — Manoel Carlos Karam é o homenageado no Romance e Newton Sampaio no Conto. Na total, 878 pessoas se inscreveram. O resultado deve ser anunciado em dezembro, e o vencedor de cada categoria receberá R$ 40 mil, além da edição de um livro com tiragem de 1 mil exemplares.

De 8 a 11 de outubro, a BPP promove a "Semana Helena Kolody". No dia 8, o dramaturgo Edson Bueno e o Grupo Delírio Cia de Teatro apresentam uma peça de teatro inédita inspirada na obra da poeta — a encenação acontece no auditório Paul Garfunkel, a partir das 15h. Uma exposição com fotos, poemas e depoimentos de Helena entra em cartaz, também no dia 8, no Hall térreo da BPP — em novembro, a mesma exposição será apresentada no 3º Congresso de Sociologia do Direito, promovido pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nos dias 9 e 10, acontece também exibições — em variados horários, no auditório Paul Garfunkel — de *A babel da luz*, curta-metragem que Sylvio Back produziu sobre a autora. A atriz Kaliupe Sachet apresenta, no hall térreo, um monólogo sobre a poeta no dia 11, a partir das 15h — dentro do projeto Aventuras Teatrais. Durante toda a semana, o elenco do Grupo Delírio Cia de Teatro fará leituras de poemas da autora em diversas salas da BPP. O ingresso é gratuito para a programação. ■

CONTO | **ROBERTO MUGGIATI**

A TEORIA DO AICEBERG

Ilustração: **Felipe** Rodrigues



Meu protetor de tela é um iceberg, passo o dia diante dele. Nenhuma paixão especial por icebergs. Os tons azul-cobalto da foto lembram o céu de Curitiba ao anoitecer. Essa imagem do iceberg veio pela internet: uma namorada queria que eu não esquecesse a cor do céu que nos protegia. A namorada passou, a imagem continuou na tela em homenagem à Teoria do Iceberg, do velho Hemingway: "Se escrever apenas a verdade, um escritor pode omitir muitas coisas. O leitor sentirá essas coisas que foram ocultadas com tanta força como se o escritor as houvesse explicitado. A dignidade de um iceberg existe porque apenas um oitavo dele está acima da água". O autor da imagem do iceberg também tinha sua teoria. Ele fizera uma montagem de várias fotos para ilustrar o conceito de que "nem tudo o que se vê é necessariamente real".

O céu de Curitiba me leva a outro episódio, um céu noturno, e outra namorada, de um tempo bem mais distante. Éramos crianças, parentes remotos, estranhos um ao outro, e nos descobrimos. Numa festa de família, na janela de um vigésimo andar, loucos para viver e falar, conversamos, ávidos para conhecer um ao outro. (O que conversam os amantes? Eles nunca sabem, eles nunca lembram.) E então, no descampado do aeroporto, vimos as luzes de um avião que piscavam, cortando o horizonte, um avião de destino insondável, anunciando em suas lanternas vermelhas o grande mistério do futuro. Em silêncio, comungamos a mesma emoção. A esperança de partir para o mundo, quem sabe juntos? Foi nossa epifania — perdoem o clichê. Um biólogo definiria toda aquela atração entre nós como uma mera erupção de feromônios e testosterona. Não importa, a atração era real, como nunca havíamos sentido antes.

Meia-noite com ela e as estrelas — e de repente a noite acabou. A nossa história seria uma crônica de amantes malsinados, atravessando décadas. Uma

história desencontrada, entrecortada, que me arrastaria por tristes oceanos de lágrimas... Desculpem esse crime de lesa-TI. Sim, a Teoria do Iceberg merece uma sigla, pertence à ciência, é um teorema, a equação que fornece *le mot juste*. A emoção está sempre ali, mas é a maior inimiga do bom texto.

Passamos um ano meio longe um do outro. Fui morar em Paris, quando voltei ela estava casada. Mal casada, já quase descasada. Numa escapada furtiva na Livraria Ghignone, combinamos nos encontrar em Guaratuba. Cheguei lá, ela não. Sumiu, desapareceu do meu mapa. Para sempre? Aprendi que nada é para sempre. Em 1968 — o mundo em chamas — eu casado, em São Paulo, dou de cara com ela, numa manhã de inverno solar e vento cortante na Rua Augusta.

— Pô, cara, incrível? Você por aqui?

— Trabalho na *Veja*. E você, por onde andou? O que faz?

Não vai acreditar! Sou aviadora! Tirei brevê, transporto aviões dos Estados Unidos.

Outra noite, em Nova York, ouvindo o Gato Barbieri, lembrei muito de você...

Ela conhecia minha paixão pelo jazz. Certa vez, eu fiz serenata para ela com o sax tenor. Minha mulher, ciumenta, interrompeu o diálogo. Nem pudemos trocar telefones. E fiquei outros vinte anos sem saber de — não posso dizer seu nome... Afinal o que há em um simples nome? De certa forma, ela cometeu uma doce vingança. Eu não soube lutar por aquela absurda epifania adolescente, que era tudo para nós. Aprendeu a pilotar, apossou-se do nosso avião e se perdeu com suas luzes vermelhas na cerração da velha noite curitibana. Eu a via voando na imensidão dos espaços infinitos. Pensando em mim — quem sabe?

Um amigo me ensinou um dia: não se esforce muito para lembrar as coisas boas, elas podem se desgastar e se perder. Mas, naquele meu triste fim de casamento, eu não pensava em outra coisa — na minha doce e cômica Valentina. Como doía a sua ausência nas noites suicidas do inverno paulistano. O coração é um músculo flexível. O casamento acabou, outro casamento começou, dois filhos. O matrimônio que nunca sonhei ter. Eterno enquanto durou. Uma noite, num shopping de Curitiba, livre, lançando um livro, ela entra de novo na minha vida, na fila de autógrafos.

Ainda lembra de mim?

Desta vez trocamos telefones. Não pilotava mais, estava também livre, em todos os sentidos. Marcamos um encontro no Rio. Fui esperá-la no Galeão. Subimos a Serra, onde eu tinha um chalé, em Itaipava. Jantamos no velho Farfarello, era dia 29, pedimos Gnocchi della Fortuna, al cricco e al pesto, com direito a uma nota de un dollaro debaixo de cada prato. Loucos para viver e falar, bebemos duas garrafas de vinho. Não lembro como dirigi o carro até o chalé. Antes de desmaiarmos na cama, ela ainda perguntou:

Agora vamos ser felizes?

Acordou-me no meio da madrugada. Queria descer a Serra, apressar nossa mudança definitiva para Itaipava. Bêbado e cansado, não resisti. Foi nossa perdição. No meio da descida, despenquei pelo despenhadeiro. Dormi na direção e acordei no fundo do socavão, preso às ferragens. Sobrevivi, com pequenos arranhões. Ela, não. Foi projetada para fora do carro e quebrou a coluna vertebral em vários pontos. Na queda, tive a impressão de ouvi-la gritar: "Estou voando!" .

O acidente aconteceu logo depois do viaduto sobre o rio Rolador. Lembrei do poema do Mário de Andrade, "A Serra do Rola-Moça", que descreve um casal em fuga. "Como eles riam! E os risos também casavam com as risadas dos cascalhos." Subitamente, "dão noiva e cavalo um salto, precipitados no abismo". Poesia numa hora dessas?

Por minha culpa, ela iria passar o resto da vida presa a uma cadeira de rodas. Não fomos finalmente felizes. Eu conseguia suportar a dor até o escurecer, depois a coisa ficava terrível por volta da meia-noite, e às três da manhã era o grande mergulho na noite escura da alma. Pensei em suicídio: lasanha com chumbinho, como aquela atriz da TV. Ou caipivodca de lichia com carrapaticida (uma variante mais sofisticada do antigo Guaraná com formicida). Ou um salto espetacular de um vigésimo andar: no bilhete de suicida, inverteria a frase de Eliot: "*This is the way the world ends — not with a whimper, but a bang*...". Mas todas as coisas devem passar e o mundo continua. Você recupera a maior parte de sua vida, como bens salvados de um incêndio. Eu iria continuar por mais tempo, muito tempo talvez — até a hora de cinzelarem na minha lápide o epitáfio, a definição de vida que tomei emprestada de Cole Porter: *"It was great fun, but it was just one of those things"*.

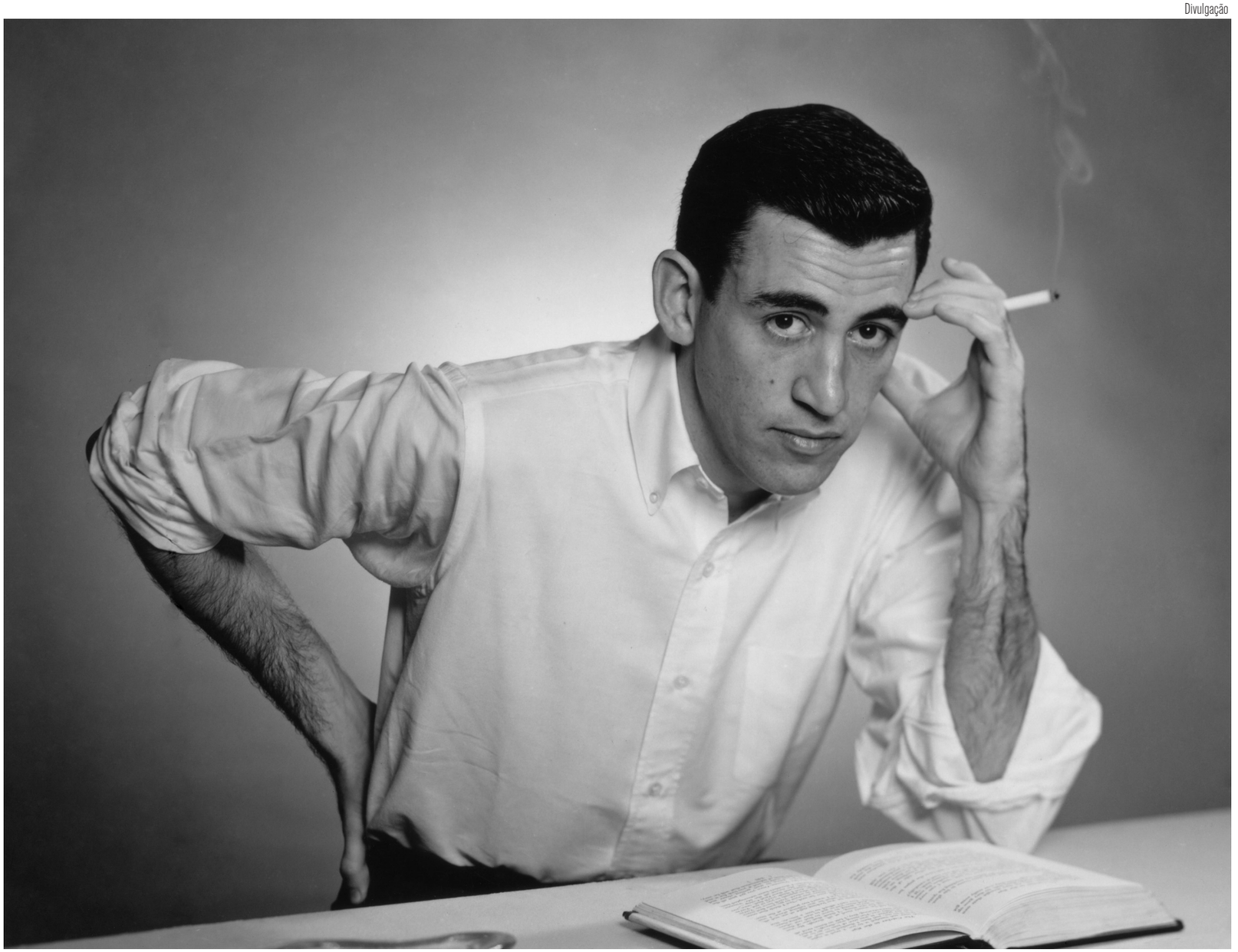
Ainda fui vê-la uma última vez. Era como falar com uma estátua. Seu olhar parado não dizia nada. Saí para o dia ofuscante, os olhos cegados por uma cortina de lágrimas e sal. O sol, sem alternativa, brilhava sobre o nadanovo. E a história acaba aqui. O mundo mata indistintamente os belos, os bons e os bravos. Ela morreu, você vai morrer e eu vou morrer. É tudo o que posso prometer. ■

Roberto Muggiati nasceu em Curitiba e é jornalista desde 1954. Trabalhou na BBC de Londres nos anos 1960 e foi editor das revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos*. Publicou diversos livros, entre eles *Rock: o grito e o mito* e o romance *A contorcionista mongol*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

MAKING OF

Por trás do campo de centeio

Divulgação



Um dos livros mais influentes do século XX, *O apanhador no campo de centeio* teve seu embrião em contos escritos ao longo dos anos 1940, foi um sucesso imediato e marcou o início do isolamento de J. D. Salinger, que duraria 50 anos

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é como *O apanhador no campo de centeio* foi escrito.

Assim como a trajetória pessoal de J. D. Salinger, pautada pela reclusão e aversão à sociedade, o percurso literário de seu romance mais famoso — para além de seu conteúdo — é igualmente turbulento e interessante. Um dos livros mais influentes do século XX, *O apanhador no campo de centeio* (*The cacth in the rye*) teve sua edição marcada por uma série de episódios guiados pelo gênio irascível de Salinger, o que inclui brigas intermináveis com editores e auto-sabotagem.

O mundo conheceu a história do atormentado Holden Caulfield em 1951, quando Jerome David Salinger finalmente fez sua estreia em livro, mas há pelo menos uma década o personagem vinha sendo burilado em contos que Salinger, aos poucos, foi publicando na imprensa americana, em revistas como *Story*, *Collier's* e *The New Yorker*.

Ao todo foram 27 contos publicados em periódicos antes de vir à tona o romance sobre o rebelde Holden, que narra seu descontentamento com o mundo hipócrita dos adultos após ser expulso da escola. Dos quase 30 contos produzidos por Salinger antes de *O apanhador no campo de centeio*, nove deles trazem a família Caulfield como protagonista. A primeira história foi "Slight rebellion off Madison", recusada pela revista *The New Yorker*, mas que acabou sendo a avenida pela qual a carreira de Salinger iria trafegar até a publicação d'*O apanhador.* A história ressurgiria, uma década depois, como um capítulo do livro, assim como aconteceu com o conto "I'm crazy".

"Slight rebellion" seria publicado na revista *The New Yorker* em 1941, mas os editores do periódico declinaram do convite e o conto acabou ficando anos na gaveta. Desolado com a recusa de sua história, Salinger embarcaria meses depois em uma viagem que marcaria profundamente sua existência e estaria presente de forma indelével em toda a sua produção literária. Em abril de 1942, Salinger se alistou no Exército americano e, dois anos mais tarde, foi enviado à Europa para lutar na Segunda Guerra Mundial com os Aliados. Terça-feira, 6 de junho de 1944, o Dia D, foi também o ponto crucial na vida do escritor. A guerra, seus horrores e agonias iriam marcar cada aspecto da personalidade do escritor e repercutir em seus escritos. "A influência é evidente, não só no ambiente de falsidade que Holden tenta denunciar em *O apanhador*, mas também em outros personagens da sua obra. O exemplo mais evidente é Seymour Glass, que não suporta o trauma de ter lutado na guerra e se mata com um tiro na têmpora, como mostra o clássico conto 'Um dia perfeito para os peixes-banana'", diz o jornalista Martim Vasques da Cunha, editor da revista *Dicta&Contradicta*.

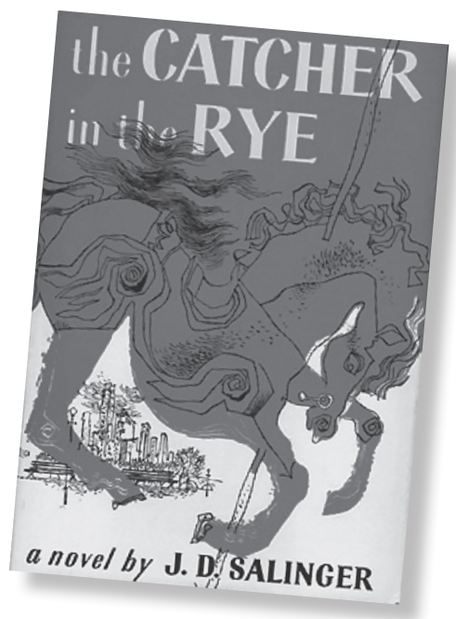
Salinger chegou a sargento numa unidade de contraespionagem, onde seu domínio do francês e do alemão lhe permitia entrevistar prisioneiros de guerra e identificar agentes da Gestapo. Desembarcou na praia de Utah no Dia D, participou de todas as sangrentas campanhas em território europeu até a vitória final dos Aliados e foi um dos primeiros soldados a chegar a um campo de concentração nazista.

Passada a guerra e depois de ter emplacado contos de sucesso na mesma *New Yorker* que o recusara no início de sua carreira, Salinger decide retomar sua novela em 1950. Segundo Kenneth Slawenski, autor de *Salinger, uma vida*, à época, o que o escritor tinha de seu livro "era um emaranhado de contos desconjuntados, alguns deles escritos no longínquo ano de 1941". Conforme relata o biógrafo, o autor havia feito acréscimos ao original ao longo dos anos, mas sua filosofia e visão do mundo vinham mudando, e as partes da novela que Salinger possuía no final de 1949 abrigavam mensagens e temáticas diferentes. O desafio que se erguia à sua frente era juntar todos aqueles fragmentos numa obra unificada.

"A fim de poder se dedicar à missão, Salinger se isolou das distrações. Considerou que estava produzindo arte elevada e, conscientemente, procurou refúgio em sua própria floresta invertida", escreve Slawenski, em uma referência ao famoso conto "The inverted forest", publicado em 1947 na revista *Cosmopolitan*.

Em 1961, a *Time* relatou que Salinger havia concluído *O apanhador no campo de centeio* isolando-se em um cubículo abafado perto do elevado da *Third Avenue*, em Nova York, numa es-

A edição brasileira do livro de Salinger, traduzida por Jorio Dauster.



Edição de capa dura com ilustração do cavalo em chamas que se tornaria célebre, feita por Michael Mitchell, amigo de Salinger.

pécie de prisão autoimposta. Segundo o biógrafo, é possível que o tal "cubículo" fosse, na verdade, uma das salas da *New Yorker*. A revista costumava oferecer espaço de trabalho aos seus colaboradores, e sabe-se que Salinger tirou partido disso no verão de 1950, quando usou os escritórios vagos dos editores enquanto concluía *O apanhador no campo de centeio*.

Lenga-lenga tipo David Copperfield

Na abertura do romance, Holden recusa-se a compartilhar o passado de seus pais com o leitor tachando de ridículo fazer qualquer relato sobre o que eles faziam antes "que eu nascesse e toda essa lenga-lenga tipo David Copperfield". "Meus pais", explica Holden, "teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sobre eles". A atitude esquiva demonstrada pelos pais de Holden foi diretamente importada das atitudes da mãe e do pai do próprio escritor. Solomon e Miriam Salinger, que falavam pouco sobre eventos passados da família, o que fez com que Salinger e seus dois irmãos — Doris e Sonny — crescessem como pessoas muito reservadas.

"O próprio Salinger reconheceu que há muito de autobiográfico n'*O apanhador*", explica Jorio Dauster, tradutor do livro no Brasil. "Tal como Holden, Salinger pertencia a uma família de posses — tendo morado num prédio da Park Avenue —, frequentou uma academia de estilo militar, comandou a equipe de esgrima do colégio e foi posto para fora de várias escolas que cursou."

Depois de trabalhar na novela durante uma ano, Salinger concluiu *O apanhador no campo de centeio*. O escritor havia confessado a seu primeiro editor, Whit Burnett, que muitas páginas de seu romance haviam tomado de assalto a praia na Normandia; haviam desfilado pelas ruas de Paris e estado presentes na morte de inúmeros soldados, em incontáveis lugares.

Mas, bem como Holden, seu criador era um ser humano genioso. Comprometida informalmente com Salinger, a editora Harcourt Brace declinou do acordo assim que Salinger entregou seu original. Os editores pediram para que Salinger, depois de longos anos de trabalho, reescrevesse seu romance. Em um almoço com Salinger, o editor Eugene Reynal teria afirmado a Salinger que Holden seria louco.

Com seu romance novamente em mãos, Salinger assinou contrato com a Little, Brown and Company. Mas os problemas estavam longe de terminar. Entre o final de 1950 e julho de 1951, o que transpirou entre Salinger e seus editores foi uma série de episódios nos quais o autor parecia se opor a cada esforço feito para que seu livro fosse um sucesso. Salinger não gostou da capa da edição de bolso que a editora preparou para *O apanhador*, com uma ilustração de Holden com seu chapéu de caça vermelho. A contra-gosto, o escritor aceitou a ilustração e só ficou definitivamente safisfeito quando a editora lhe informou que Michael Mitchell, seu amigo pessoal, faria a ilustração da edição em capa dura do livro. A capa se tornou emblemática, com um cavalo em chamas estilizado. Mas Salinger ainda se incomodou com a estratégia de *marketing* da editora, que, como é de praxe no mercado editorial, mandou cópias promocionais do livro a jornalistas e críticos. Irritado, Salinger teria respondido que não queria publicidade nenhuma para seu livro e gostaria que sua fotografia fosse retirada da contracapa, pedido que seria respeitado nas centenas de edições que o livro teria nos Estados Unidos e mundo afora.

> "Salinger não queria publicidade nenhuma para seu livro e gostaria que sua fotografia fosse retirada da contracapa, pedido que seria respeitado nas centenas de edições que o livro teria nos Estados Unidos e mundo afora."

"O livro conquistou sucesso imediato, com oito edições em dois meses, porém mais tarde foi retirado das bibliotecas de muitas escolas nos Estados Unidos por conta da linguagem de Holden Caufield, que os fundamentalistas cristãos ainda consideram chula e sacrílega", explica Dauster, que também verteu para o português *Carpinteiros, levantem bem alto a cumeeira & Seymour, uma apresentação*.

Com críticas elogiosas ("um romance de estreia incomumente brilhante", escreveu o *New York Times* quando o livro foi lançado), *O apanhador* ficou 30 semanas na lista de best-sellers do *NYT*, iniciando assim seu bem-sucedido périplo pelos corações e mentes de adolescentes, jovens e, vejam só, também dos adultos que Caulfield tanto desprezava. Assim que o livro foi lançado, J. D. Salinger, fugindo do tumulto da publicação, partiu para um período sabático na Inglaterra. O escritor dava os primeiros sinais de seu eminente isolamento, que duraria 50 anos, até sua morte, em 2010, aos 91 anos. ■

Capa da revista *Time* de 1961, quando Salinger já era um eremita.

LIVRO E LEITURA | **MARTA MORAIS DA COSTA**

AS MUITAS ÁGUAS DA LEITURA

Já tratei de leitura em muitos textos, já falei para algumas plateias, já tentei esclarecer algumas conclusões que o trabalho com a formação de leitores acumulou em meu currículo. Posso afirmar, com segurança, que obtive alguns resultados positivos no convencimento da importância da leitura para as pessoas e para o grupo social em que atuam. Em outras ocasiões, a resposta não foi tão estimulante assim.

Professores me consideraram idealista demais, crianças me consideraram uma avó "se achante", colegas de universidades não hesitaram em me denominar "especialista em leitura" — a mim, que sei que nada sei, verdade aprendida com o filósofo Sócrates —, avaliadores de meus livros julgaram-nos imperfeitos, equipes de editoras acreditam que posso prestar alguma consultoria de valor no quesito leitura. Como insegurança não é a mais perfeita de minhas qualidades pessoais, considero que julgamentos tão divergentes não me causaram maiores traumas profissionais.

Em todo caso, como não desejo, de forma alguma, motivar uma avaliação negativa de meu texto nos leitores deste espaço, quero começar declarando algumas posições ético-político-científicas a respeito da leitura. Como muitas pessoas de valor já o disseram — e com elas eu concordo — a leitura vai além da alfabetização, da capacidade de identificar palavras ou frases. A leitura tem a ver com interpretação, com a compreensão de frases e textos organizados (habilidade indispensável) e a compreensão das entrelinhas, presentes em qualquer texto, e que requerem a participação ativa do leitor.

As palavras dançam diferentes ritmos de acordo com os diferentes pares das contradanças textuais. O significado tem o dom de alterar-se dependendo dos contextos em que palavras e frases se situam. E quem vai buscar uma determinada coerência nessa flutuação semântica é o leitor. Portanto, ler não é reconhecer o código linguístico; ler é compreender contextos textuais, é escolher, entre os sentidos possíveis de um texto, aquele que para o leitor apresenta alguma coerência. Por extensão, interpretar não é estabelecer um sentido único, ou mais nocivo ainda, reproduzir o pensamento expresso pela maioria dos leitores.

Também esclareço que leitura rima perfeitamente com literatura; mas, para mim, acompanhando Drummond, a rima não é a solução. Todos nós lemos textos dos mais diferentes gêneros diariamente em nossa vida social e individual (cartazes, folhetos, embalagens, a diversidade textual dos jornais e revistas, as mensagens nas redes sociais, páginas de livros os mais variados e muitos outros). Também não nos restringimos a lidar com a linguagem exclusivamente verbal e somos envolvidos pelo visual, pelo auditivo, por suas combinações e diferentes suportes (computador, cinema, televisão). Enfim, quando eu tratar de leitura, não estou me restringindo aos livros de literatura. Essa é uma confusão frequente: pergunte a alguém se ele gosta de ler e poderá ouvir como resposta: "Gosto, sim, mas não tenho tempo — ou interesse — para ler romance". Pergunte a outra pessoa que livros leu recentemente e ela pensará de imediato que você quer saber sobre a leitura da literatura. E pode, numa caricatura, responder: "Não perco meu tempo com histórias que não existem — ou não servem para nada". Vou falar de leitura em sentido amplo, mas paradoxalmente preciso saber ler textos. Sem distinção de gêneros textuais.

Fui muitas vezes surpreendida — e interrompida — quando lia em filas ou salas de espera por pessoas bem intencionadas que entendiam que, se eu estava lendo um livro, é porque estava com problemas, entre eles o da solidão. Para me fazer companhia e me tirar da depressão, elas se propunham a interromper minha leitura sedutora. Como provavelmente não eram leitoras, elas não entendiam que ler não é um ato solitário ou fruto da solidão: o leitor está sempre acompanhado, não apenas do autor do texto que lê, mas de todos os leitores desse mesmo texto que o antecederam; também de todos os escritores que foram lidos para que o autor do texto presente pudesse escrever o que escreveu. Em suma, a cadeia de autores e leitores remonta a passados remotos e forma uma "trança de gente", bela imagem criada por Ana Maria Machado. Antes de tudo, ler é uma ação solidária de integração na história da cultura. Ao ler, estou só fisicamente; mas mental, imaginária e intelectualmente, estou bem (ou mal) acompanhado. Por isso, antes de interromper, com boas intenções, a leitura de alguém embevecido, pense que pode estar cor-

LIVRO E LEITURA | MARTA MORAIS DA COSTA

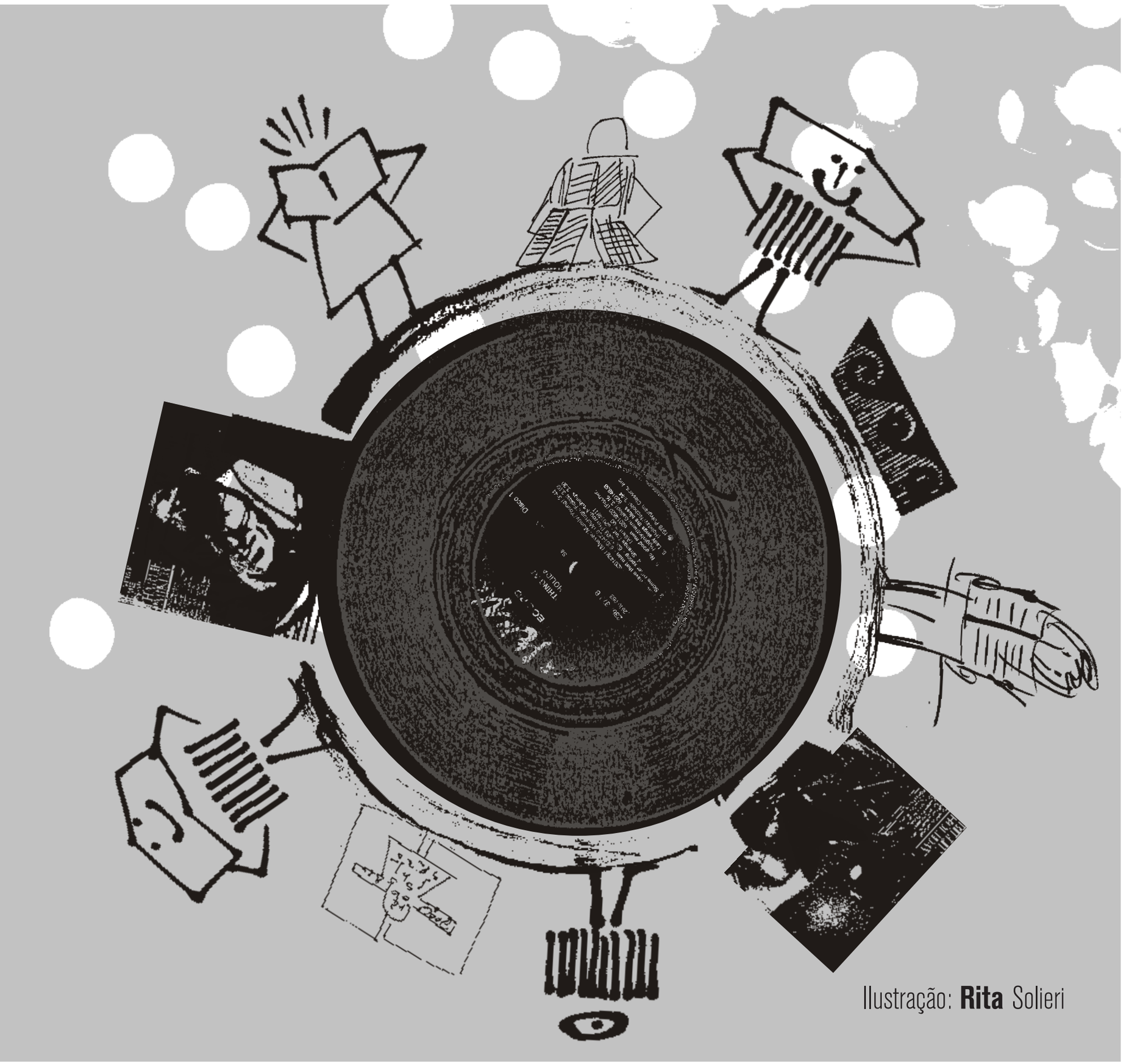


Ilustração: **Rita** Solieri

tando — temporariamente — o fio humano que tece a história da cultura.

Esclarecidas essas três linhas de compreensão, a saber, leitura não é ação exclusiva para a literatura; ler não é apenas reproduzir um texto, mas interpretá-lo, compreendê-lo; ler, é compartilhar e conviver com a história e a cultura, vou verificar como esses princípios podem orientar a formação de leitores. Convém lembrar que para desenvolver um bom trabalho de criação e formação de leitores é preciso acreditar que a leitura representa um requisito indispensável e irrecusável para o crescimento pessoal e profissional e para o desenvolvimento de um país em todos os setores de atuação da sociedade que lhe dá existência.

A necessidade de mediadores

Na origem da história de cada leitor está um mediador. Seja um parente (pais, avós, tios, irmãos), um amigo, um professor, um religioso, um jornalista, em qualquer espécie de interação social — conversas, aulas, saraus, pregações, filmes, mídia impressa. Pense comigo, leitor, nas possíveis situações em que pode nascer um leitor. A audição de um disquinho de histórias infantis, objeto do passado. Um livro eletrônico infantil ou de pano ou de plástico, objetos do presente. Uma história sussurrada no momento da chegada do sono, na voz carinhosa de quem se quer bem. A fala do amigo que se admira ou do grupo em que se busca a inclusão. Um comentário em roda de conversa sobre assunto científico ou curiosidade histórica. Em todos eles, o leitor pode estar ali, ainda desconhecido para ele mesmo, mas já apto a absorver o encantamento e a informação, a considerá-los valiosos. É o passo inicial para viver o desejo de reencontrá-los nos mais diversos objetos de leitura. Nem sempre o mediador (amigos, pais, professores...) precisa ter qualificação pedagógica ou cientifica, mas é imprescindível que ele desempenhe sua função com entusiasmo de quem foi afetado pelo assunto, pelo livro, pelo texto.

Imagine que uma pessoa deseja convencer um amigo a assistir a um filme e para tanto faz um relato aos tropeços, sem emoção, monótono. Mesmo um filme bom não resiste a uma apresentação medíocre. No entanto, um filme ruim pode ser embelezado por uma retórica emocionada. Sem deixar de ser um filme ruim. Uma entrada segura para o mundo da leitura pode estar numa mediação de qualidade. A vida do leitor em seu nascimento é, como a vida em geral, também um espaço-tempo de contradições. Reagimos ao ruim, ao mal feito, à imperícia, buscando em outras fontes a perfeição. Quem não tem livros em casa, procura entre as estantes da biblioteca. Quem não teve uma avó que lhe contasse histórias, vai em busca das crianças que a tiveram. Quem não ouviu a discussão sobre um assunto que lhe interesse, pergunta, pesquisa, incomoda (se) até encontrar quem ou o quê sacie sua curiosidade. Os textos e livros interessam porque preenchem faltas e lacunas e matam a sede de respostas.

A pluralidade da leitura

Leitores são como a vida: histórias diversificadas, ora cômicas, ora trágicas, ora monótonas, ora carregadas de aventuras. Analisando o leitor ou a leitora que somos, constatamos com facilidade o quanto somos volúveis. Gostamos hoje do que acharemos tedioso amanhã. Colocamos valor no livro ou no texto que no futuro poderemos considerar medíocre, equivocado, dispensável. Tratamos, na leitura do presente, de forma diferenciada e em categorias de importância o livro da moda, o ensaio filosófico (histórico, médico, jurídico, etc.), o clássico da literatura, os quadrinhos, a obra gastronômica, o guia de viagens, o jornal. Na verdade mais elementar da leitura, somos, cada um de nós, muitos leitores. Iniciantes nos manuais de uso da tecnologia, doutores nos assuntos que nos afetam profundamente, aprendizes nos temas que queremos dominar, satisfeitos e relaxados com as obras de fácil leitura e assim por diante. Subimos e descemos os degraus das categorias de leitores com rapidez e alguma facilidade.

O leitor, pra valer, é ao mesmo tempo como o malandro oficial de Chico Buarque — está na coluna social, deseja ser malandro federal, tem gravata e capital — e como o malandro pra valer, que tem mulher e filhos, mora longe e "chacoalha no trem da Central". Assim, o leitor das estatísticas, genérico, impessoal, badalado ou execrado, sob domínio das classificações universais e objeto das políticas empresariais do livro, não é o único que nos habita. Somos, no exercício da leitura, "trezentos ou trezentos e cinquenta", como Mário de Andrade se definia.

Os infinitos acervos

Essa multiplicidade permite compreender por que as portas de entrada da leitura são muitas e, por vezes, surpreendentes. Bruxos, vampiros, cabanas, números, fórmulas, imagens, sons podem estar na fonte primeira da sede saciada. O perigo não está nessa fonte, está, sim, em converter a fonte em único lugar onde se pode beber. Há lagos, rios, corredeiras, cascatas e oceanos, em que se apresentam e despenham as águas da leitura. Para beber, para banhar-se, para afogar-se, para aceitar ou recusar. O leitor pode viver sua vida leitora no mesmo lago, mas jamais compreenderá a força do oceano. Pode ler exclusivamente quadrinhos a vida inteira, mas perderá as imagens incompletas dos grandes romances. Pode ler exclusivamente textos científicos, mas perderá o movimento intenso e prismático dos quadrinhos e a força imaginária da literatura. Poderá ler exclusivamente a ficção, mas não aprenderá a intensa liberdade da poesia e o rigor especulativo do discurso histórico. O escritor japonês Haruki Murakami afirma: "Se você só lê os livros que todo mundo está lendo, você só pode pensar o que todo mundo está pensando".

Formar leitores é oferecer às pessoas a oportunidade de descobrirem-se múltiplas na multiplicidade incontrolável dos textos. ■

Marta Morais da Costa é especialista em leitura, professora da Universidade Federal do Paraná, integrante da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio e autora, entre outros, do livro *Mapas do mundo*. Vive em Curitiba (PR).

POEMA| RICARDO POZZO

Dejaflux

Sete
décadas
após,
- Eu,
percorro
as
mesmas
terras
de
meus
antepassados.

Este
mesmo
povo
envelhecido
setenta
anos,
tem
o mesmo
rosto,
atualizado,
de
meus avós.

O mesmo
dia
a
dia,
modernizado,
de
nossos
ascendentes.

Em
minhas
veias,
cartografia
líquida
de uma raça
mezclada,
feita
de ápice
e declínio,

Histórias
(e estórias)
reverberam
no eterno
cíclico.

Res
caldo
de
memórias
humanas

que por
eras erram
no quase
círculo
vicioso
ao redor
do Sol[o]

Ricardo Pozzo é fotógrafo, poeta e produtor do projeto "Vox Urbe", realizado no Wonka Bar. Também é membro do grupo literário "Pó & Teias". Vive em Curitiba (PR).

Ilustração: **Gabriel** Rischbieter

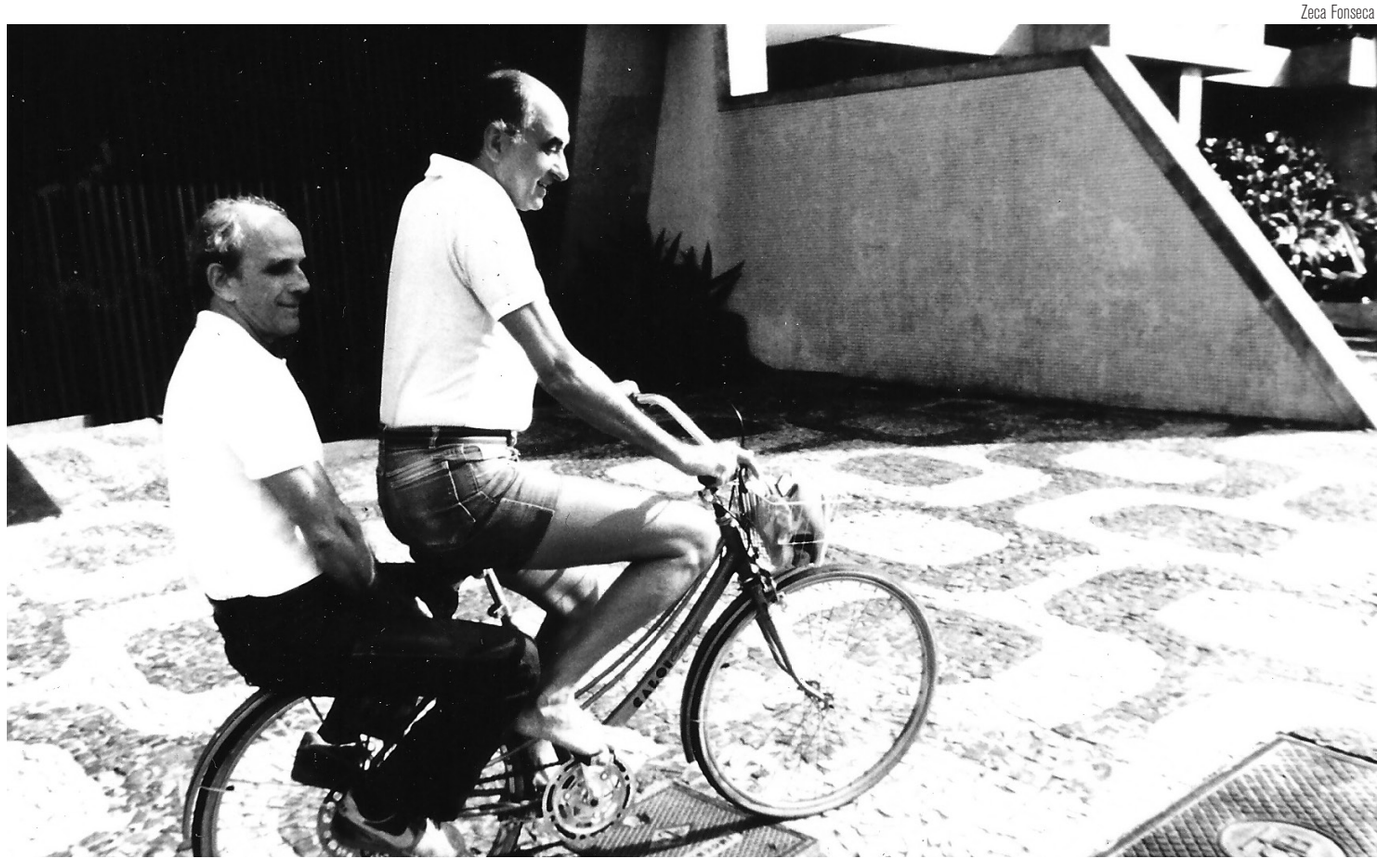
ENTREVISTA| ZUENIR VENTURA

“Meu tempo é hoje”

Autor de um livro presente no imaginário brasileiro – *1968: o ano que não terminou* –, Zuenir Ventura, aos 81 anos, publica *Sagrada família*, romance de cunho memorialístico que tem os anos 1940 como pano de fundo

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Zeca Fonseca



Na década de 1970, Zuenir Ventura pedalava a bicicleta de uma sobrinha, levando na garupa Rubem Fonseca.

Zuenir Ventura está com a agenda completamente lotada. E o motivo da movimentação é o seu mais recente livro, o romance *Sagrada família*, no qual ele reelabora por meio da ficção a década de 1940, “uma época fundamental na minha formação emocional de adolescente, mas também na do país. É uma década pouco estudada, embora seja um marco divisor em termos de comportamento”. A obra tem várias camadas. Em um primeiro plano, o texto problematiza a perda da inocência de um menino, o personagem Manuéu. Há também o contexto histórico, que mostra direta e indiretamente os impasses da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo no Brasil. O autor respondeu, por e-mail, algumas perguntas enviadas pela reportagem do **Cândido**.

“A vantagem da ficção sobre o jornalismo é que você não tem o menor compromisso com a verdade; pode mentir à vontade”, disse, a respeito dessa sua obra que mistura invenção e memória. “No romance [*Sagrada família*], o que predomina é a memória involuntária, proustiana, aquela que se intromete, que aparece onde não é chamada.”

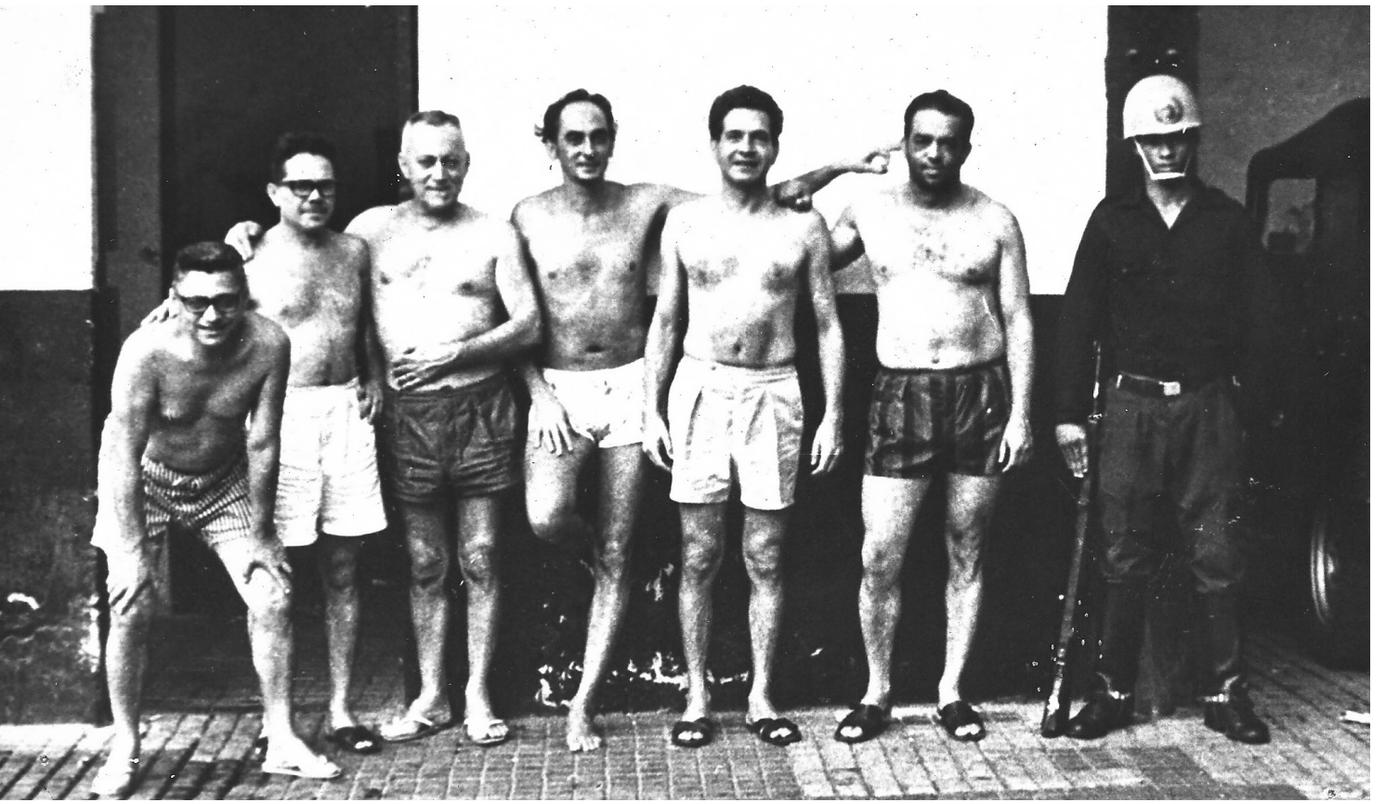
> “O cronista é um *voyeur*, ou seja, alguém que está sempre olhando atentamente para o que está acontecendo e que, digamos, escreve mais com os olhos do que com a cabeça.”

O escritor mineiro de 81 anos soma mais de meio século de atuação na imprensa brasileira e, nesse depoimento, ele fala sobre as transformações no jornalismo, comenta a sua atividade de cronista, atualmente no jornal *O Globo*, e admite que tem os olhos bem abertos para o tempo presente. “O jornalista que não procura se conectar com o espírito de seu tempo deve mudar de profissão. O historiador é que precisa ficar olhando para o passado”, afirma.

O que motivou o senhor a escrever *Sagrada família*? Não parece haver nostalgia no livro, e sim a problematização de questões e a reelaboração por meio da ficção de um tempo que existiu e não tem mais volta.

De fato, mais do que nostalgia, há o que você chamou de “reelaboração por meio da ficção” de um tempo passado. Essas lembranças me perseguiram durante dez anos, mas eu ia adiando a hora de transformá-las em livro. Essa decisão aconteceu muito recentemente, quando meu editor, Roberto Feith, pediu para ver, sem compromisso, o que eventualmente eu já tivesse escrito. Enviei-lhe os oito capítulos mais ou menos prontos, mas não obti-

ENTREVISTA| ZUENIR VENTURA



Gerardo Mello Mourão, Osvaldo Peralva, uma pessoa não identificada, Zuenir Ventura, Hélio Pellegrino e João Herculino, ao lado de um oficial. O grupo foi preso em dezembro de 1968, após o AI-5, e passou três meses no Regimento de Cavalaria Caetano de Farias, no Rio de Janeiro.

ve resposta. Achei que ele não tinha gostado e fui cuidar de minha vida. Até que um dia, por intermédio de minha agente Lucia Riff, fiquei sabendo da confusão. Ela me garantia que ele mandara um *e-mail* que certamente se extraviara. Procurei e acabei localizando. Nele, Bob dizia que tinha gostado muito do que lera e me incitava a continuar. Não tive outro jeito.

Por que a escolha dos anos 1940 para situar a ação do romance?

Porque foi uma época fundamental na minha formação emocional de adolescente, mas também na do país. É uma década pouco estudada, embora seja um marco divisor em termos de comportamento. Eram tempos de conservadorismo moral, em que era mais importante parecer do que ser. Os preconceitos, estigmas e tabus comandavam a conduta de homens e mulheres, principalmente destas. Foi uma época de muito pudor e recato, mas também de muita hipocrisia.

> “No romance, o que predomina é a memória involuntária, proustiana, aquela que se intromete, que aparece onde não é chamada.”

Quanto há de autobiográfico em *Sagrada família*? Há muito do Zuenir Ventura no Manuéu e em outros personagens? De que maneira?

Digamos que o ponto de partida dos personagens e de muitas situações é autobiográfico. As pessoas do livro existiram, mas com outros nomes e outros *scripts*. Nem tudo o que aconteceu com elas no romance aconteceu na vida real. As histórias são uma mistura de memórias pessoais, emprestadas (ou roubadas) e inventadas. O resultado é uma obra de ficção, bem resumida na epígrafe do grande Manoel de Barros: “Só dez por cento é mentira. O resto é invenção”. Com o tempo, até as memórias reais se transformam em ficção. Pedro Nava, nosso memorialista maior, dizia que não se sabe quando terminam as lembranças e começa a invenção. Não quis contar uma história de amor que se limitasse aos fatos reais, que fosse uma autobiografia convencional. Achei que a narrativa teria mais liberdade deixando minhas fantasias correrem soltas, embora algumas tenham tido como ponto de partida a realidade.

O livro é um acerto de contas com sua família?

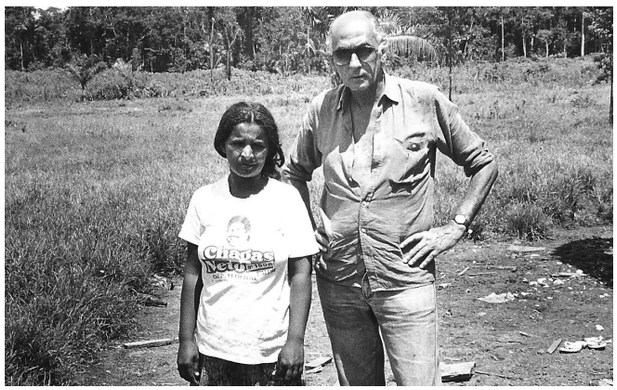
De jeito nenhum. Sempre curti muito minha família. Meus pais eram pobres, meu pai era pintor de parede, e essa foi minha primeira profissão; mas o afeto com que nos cobriam superava as dificuldades materiais e reforçava os laços familiares. Cresci cercado pelo carinho de irmãs, tias, primas e primos. Depois, formei o meu próprio núcleo, mulher, filha, filho e uma netinha, Alice, que é o meu maior patrimônio.

“Continuava sem compreender bem o que faziam, mas com certeza era por isso que ela gemia. A posição devia ser muito incômoda. Seria preciso tudo aquilo para tomar uma injeção?”. Logo no início de *Sagrada família*, o personagem narrador, Manuéu, presencia a cena na qual a sua tia, Nonoca, está com o personagem Canuto, o farmacêutico, fazendo algo que o narrador não sabe o que é. Uma questão se abre: Manuéu começa a deixar de ser criança em direção ao mundo adulto. É a noção de que existe o sexo que sela o fim da infância? Este é o ponto central de sua obra?

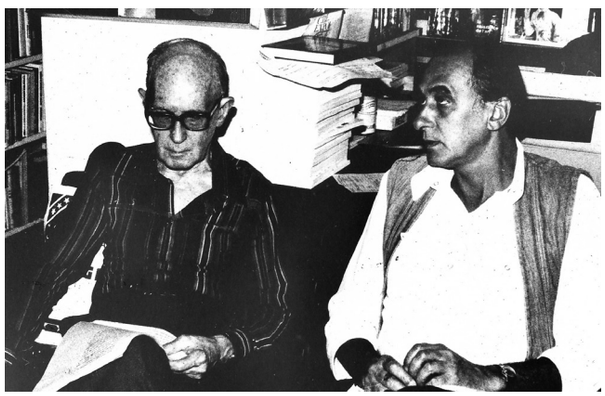
Acho que é sim o ponto central. Se tivesse que resumir o romance, diria que é sobre a perda da inocência. É o rito de passagem, o flagrante dos choques e revelações daquele menino descobrindo o pecado, o sexo, o mundo, enfim, a vida.

Mas há outras questões em *Sagrada família*, entre as quais, a seguinte: as filhas da Nonoca, tia de Manuéu, as primas dele, Cotinha e Leninha, são irmãs e, em alguma medida, adversárias. Uma parece lutar contra a outra, ambas parecem sentir inveja da felicidade da outra (da felicidade que a outra ainda não experimentou), e até mesmo parecem se auto-sabotar. O senhor quis tratar des-

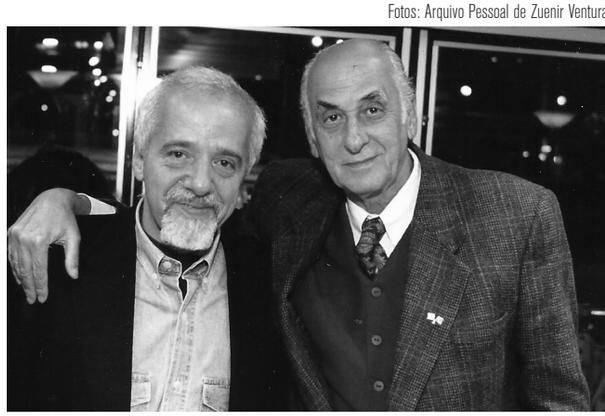
Fotos: Arquivo Pessoal de Zuenir Ventura



Zuenir Ventura ao lado de Dona Eunice, a primeira mulher de Chico Mendes, no Acre, em 1989.



Na década de 1980, Zuenir Ventura trabalhava na revista *Veja* e entrevistou Carlos Drummond de Andrade.



Paulo Coelho e Zuenir Ventura em Paris, em 1998.

“O jornalista que não procura se conectar com o espírito de seu tempo deve mudar de profissão.”

ta luta, Caim e Abel, da guerra entre parentes, incluindo também o confronto das filhas com a mãe?
Muito bem observado. Eu diria que a construção dos personagens das irmãs só foi possível porque antes, para escrever o livro *Inveja, mal secreto*, tive que estudar e pesquisar muito esse sentimento, que é um dos sete pecados capitais. A definição que uso no livro, “inveja é não querer que o outro tenha”, esclarece muito das relações das irmãs entre si e delas com a mãe.

No seu romance aparece a Leiteria e Sorveteria Favorita — uma espécie de central de difusão de fofocas. É ali onde tudo se sabe, onde se sabe quem fez e o que não fez. E hoje? Onde são as Leiterias e Sorveterias Favorita? Na internet? Nas redes sociais? No Facebook? Ou os ambientes de fofocas vão existir sempre com o ser humano, na realidade?
Ampliadas numa escala às vezes planetária, as fofocas, os boatos, os rumores, as intrigas, as mentiras estão na internet e nas redes sociais. Mas não são exclusividades desses meios. Recebi muitos comentários de leitores não só reconhecendo personagens (“Sou íntimo de Tia Nonoca, tive uma na infância”. “Existiu um farmacêutico como aquele na minha cidade”.), como identificando Florida, a cidade imaginária do romance, com suas cidades: “Fui criado em uma no interior de São Paulo que era igualzinha à do livro”, me escreveu um leitor. Outros me garantiram que na sua pequena cidade natal o comportamento até hoje é muito parecido.

O senhor tem uma trajetória de mais de meio século de imprensa. O que mudou durante esse tempo e o que permanece o mesmo na imprensa brasileira?
A maior mudança operada no jornalismo se deve, acredito, à revolução tecnológica. No meu tempo de correspondente na França, uma matéria levava dias para chegar ao Brasil. Hoje, a informação é em tempo real. Houve uma aceleração do ritmo do tempo e da História, o que exige mais rapidez na apuração e na publicação dos fatos. É muito mais difícil acompanhar os acontecimentos.

O fato de ser cronista é algo que lhe obriga a estar atento continuamente ou é resultado de uma necessidade, algo orgânico, do senhor, uma postura que faz

Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura ao lado da estátua de Vinícius de Moraes, na Praia de Itapoã (BA), em 2003.

ENTREVISTA| ZUENIR VENTURA

com que sempre tenha algo a dizer e sobre o que refletir?
O cronista é um *voyeur*, ou seja, alguém que está sempre olhando atentamente para o que está acontecendo e que, digamos, escreve mais com os olhos do que com a cabeça. Esse olhar "viciado" é uma espécie de deformação profissional que acompanha o cronista.

Após as chacinas da Candelária e Vigário Geral, nas quais foram mortos, respectivamente, oito meninos e 21 pessoas, o senhor ajudou a criar a ONG Viva Rio. Posteriormente, o senhor escreveu o livro *Cidade partida*, sobre as causas da violência no Rio — obra ganhadora do Prêmio Jabuti de Reportagem. O senhor é um sujeito que demonstra necessidade de, mais que pensar, agir sobre a realidade?
Como nunca fiz militância política, pois acho que essa não é nossa função, procuro agir sobre a realidade por meio da prática jornalística. Nós não somos juízes ou promotores, mas testemunhas de nosso tempo. Mesmo no caso citado, eu acompanhei a criação da ONG mais como observador. Eu "cobri" a fundação, mais do que ajudei a fundar.

Temas que marcaram, e são fatos inegáveis do nosso mundo, como o ano de 1968 e a jornada de Chico Mendes mereceram a sua atenção, e se transformaram em obras, respectivamente, *1968: o ano que não terminou* e *Chico Mendes: crime e castigo*. O senhor considera-se um sujeito com um radar muito bem sintonizado no *zeitgeist*, continuamente?
Não sei se o meu radar é bem sintonizado no *zeitgeist*, mas faço esforço para que seja. O jornalista que não procura se conectar com o espírito de seu tempo deve mudar de profissão. "Meu tempo é hoje", como diz Paulinho da Viola. O historiador é que precisa ficar olhando para o passado.

Na década de 1990, em Cuba, Rubem Fonseca, Fidel Castro, um jornalista inglês, Zuenir Ventura e um jornalista argentino. Fonseca e Ventura estavam em Havana como integrantes do júri do Premi Casa de Las Américas, e foram convidados para realizar, em parceria com outros profissionais de imprensa, uma entrevista com o presidente. Após o encontro, receberam a notícia que o conteúdo só poderá ser divulgado após a morte de Fidel.

> "Se tivesse que resumir meu romance, diria que é sobre a perda da inocência. É o rito de passagem."

E o Rio de Janeiro? Mudou nos últimos tempos, no que diz respeito à violência, à sensação de segurança? A UPPs foram, são, uma solução? O senhor poderia falar sobre isso?
Hoje há no Rio uma política de segurança pública na direção certa, muito diferente da que existia em 1994, quando frequentei durante nove meses a favela de Vigário Geral para publicar o livro *Cidade partida*. Em vez de entrar, matar e sair, para depois fazer o mesmo, numa incessante estratégia de enxugar gelo, o objetivo agora é a ocupação com a retomada do território dos traficantes. É o primeiro passo, indispensável, para o processo de pacificação. Ainda há muito o que fazer, a cidade ainda é partida, mas o caminho é o que está sendo seguido.

Como o senhor se define? Acima de tudo um jornalista? Em *Sagrada família*, não teria feito também uma grande reportagem a respeito do tempo em que passou em Friburgo, na adolescência, tendo atuado como aprendiz de pintor de paredes, faxineiro, mas sem recorrer a pesquisa formal, e sim ao que o marcou profundamente?
Sou sempre jornalista, e talvez você tenha razão: é possível que *Sagrada família* seja uma grande reportagem sobre a minha adolescência, tendo como pano de fundo a II Guerra Mundial e o Estado Novo. Para o meu caso, usei três tipos de memória: a pessoal, a dos outros e as inventadas. Quanto ao material histórico, aí tive que pesquisar como um repórter. A vantagem da ficção sobre o jornalismo é que você não tem o menor compromisso com a verdade; pode mentir à vontade. Por outro lado, no jornalismo você usa a memória voluntária: procura se lembrar. No romance, o que predomina é a memória involuntária, proustiana, aquela que se intromete, que aparece onde não é chamada. ■

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

JOÃO GILBERTO NOLL

16 | outubro | 19h | Entrada franca
Auditório Paul Garfunkel - 2º andar da BPP

OFICINA DE ILUSTRAÇÃO

TIRAS, com BENETT

23, 24 e **25** | outubro | das 14h às 18h
Vagas limitadas

Inscrições gratuitas até 15 de outubro
pelo e-mail **oficina@bpp.pr.gov.br**
Informações 41 **3221 4917**

AVENTURAS MUSICAIS

Espetáculo Musical CRIANCEIRO com o Papo Coral

19 | outubro | 15h
Auditório Paul Garfunkel

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 (41) 3221 4917
www.bpp.pr.gov.br

PARANÁ
SECRETARIA DA CULTURA

RETRATO DE UM ARTISTA MARIO QUINTANA

Walmir Americo Orlandeli é cartunista e ilustrador. É co-autor do livro *Humor pela paz e a falta que ela faz*. Vive em São Paulo (SP).

MARIO QUINTANA

Por **Walmir Americo** Orlandeli

Mario Quintana nasceu em Alegrete (RS), em 30 de julho de 1906. Filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e de Virginia de Miranda Quintana. Aos 20 anos, foi trabalhar em Porto Alegre, na Livraria do Globo. Depois de vencer um concurso de conto promovido pelo *Diário de Notícias*, passa pela redação de *O Estado do Rio Grande do Sul*, publica poemas na *Revista do Globo* e, em 1953, ingressa no *Correio do Povo*. Em 1934, é publicada sua primeira tradução: *Palavras de sangue*, de Giovanni Papini. Seu primeiro livro de poesia, *A rua dos cataventos*, foi lançado em 1940 e teve ótima repercussão de crítica e de público. A seguir, publicaria, entre outros, os livros *Canções* (1946), *Espelho mágico* (1948) e *Quintanares* (1976). Faleceu em 1º de maio de 1994.